

José de Mesquita
Do Instituto Histórico e da Academia
Mato-grossense de Letras

A Cavalhada

Contos mato-grossenses



CUIABÁ
Escolas Profissionais Salesianas
MCMXXVII

JOSÉ DE MESQUITA



José Barnabé de Mesquita

(*10/03/1892 †22/06/1961)

Cuiabá - Mato Grosso

Biblioteca Virtual José de Mesquita

<http://www.jmesquita.brtdata.com.br/bvjmesquita.htm>

Capa: Desenho de Alberto Lima

À memória de

Affonso Arinos

artista da palavra que melhor compreendeu
a alma sertaneja

Aos meus amigos

D. Aquino Corrêa

e

**Virgilio Corrêa
Filho**

em cujas obras se espelha o maior carinho
pela terra mattogrossense

O . D . C .

O AUCTOR

ÍNDICE

A Cavalhada	5
Renuncia	32
Tia Carola	55
Historia de uma tapera	72
A magia do luar	83
A visão da ponte	99
O ultimo dia da mocidade	115
Evocação	130
A provinciana	139
O “Véu de noiva”	155

A Cavalhada

A João Barbosa de Faria

I

Á PORTA DA EGREJA

A tarde de maio, serena e lânguida, despedia os seus últimos lumes, inflectindo-se em myriados de lantejoulas no crystal das pedras do calçamento e pondo um brilho de esmeralda nova na verdura dos morros que circundam a cidade. Uma suavidade immensa fluctuava na atmospherazul e luminosa e a temperatura branda daquelles primeiros dias de inverno cuyabano convidava a longos passeios, a deliciosas caminhadas pelos bairros distantes.

Lopo deteve-se largo tempo ali por perto da igreja, á espera que passasse a família do sargento-mór. Já os sinos tinham repicado alegremente a anunciar o fim das novenas, e quasi toda a gente sahira do templo. Algumas famílias detinham-se no adro, a cumprimentar os conhecidos, a pedir noticias desta ou daquela

pessoa, ou a falar das próximas festas que se previam animadíssimas.

Uma rajada de vento sul, frio e cortante, varreu de lado a lado, a praça quase deserta. Foi só então que, esmaecida na penumbra do crepúsculo, surgiu á porta da egreja, ladeada pelo irmão e acompanhada dos paes, afigura angélica da joven por quem Lopo ansiosamente esperava. Sentiu o mancebo tomar-se de uma commoção extranha que não sabia explicar: mescla de prazer e de acanhamento, de satisfação e de vexame, desejando, a um só tempo, aproximar-se della e evital-a, como si a sua presença ali, naquelle momento, equivallesse a uma falta grave e indesculpável. Neste mixto de impressões curiosas e dispares se achava o espírito do moço, quando por elle passou o grupo, saudando-o. O sargento-mór sorriu-lhe, affavel, e igualmente carinhoso foi o cumprimento de D. Senhorinha.

André, o cadete, bateu-lhe familiarmente ao ombro.

Só Inês não teve uma expressão siquer que denotasse mais que a simples cortesia de pessoa educada — um leve aceno de cabeça, um

imperceptível entreabrir de lábios, que quasi nem deixou perceber as ceremoniosas «boas noites» de etiqueta forçada.

Sempre a mesma creatura, orgulhosa e enigmática! murmurou, entre dentes, o joven namorado. E seguiu, mais triste do que nunca, pela rua da Cruz das Almas, em cujas casas silenciosas já as primeiras luzes rebrilhavam.

II

LOPO

Aquelle amor era a tortura constante e deliciosa do joven Lopo. Aprofundando as vistas no passado, não chegava a perceber nitidamente como lhe nascera semelhante sentimento. Habituara-se, desde creança, á amizade que aos seus manifestara sempre a família do sargento-mór e crescera, a bem dizer, no mesmo ambiente de affeição familiar da sua dilecta Inês.

Lembrava-se ainda de ter visto, poucos annos atrás, a formosa filha de Aires Moutinho, pequena, brincar-lhe ao collo, dizer-lhe

graçolas infantis na sua louquacidade e estouvamento de única filha, creada com excessivos mimos. Mas, com o tempo, funda e sensível alteração se fora produzindo, sem que elle o percebesse, nas maneiras da moça. De passo que os annos lhe iam emprestando novas graças, accentuando-lhe, a esbelteza das linhas e a pureza dos traços, o seu temperamento como que também se modificava, adquirindo certa gravidade e sisudez que, por vezes, dir-se-iam estudadas, tão diversa ella se mostrava agora do que dantes fora. Aquella transformação era o maior tormento de Lopo. Não via como nem porquê explicá-la e, no seu intimo, sentia-se dia a dia mais preso áquella creatura, cuja visão lhe iluminava a vida, desde os albores da infância e que, entretanto, agora lhe surgia, como por encanto, outra, fria, mysteriosa, cheia de incompreensíveis reservas no tratamento que lhe dispensava. Da parte da família continuava a ser a mesma acolhida dantanho, gentil, e affavel; só ella o tratava com essa cortezia de sociedade, como faria a qualquer extranho, sem demonstrar a mínima preferênciã.

Ter-se-ia, porventura, de um momento para outro, apagado no seu espirito a lembrança

amorável da passada intimidade? Tão frívola seria aquella menina para esquecer sem mais nem menos as gratas lembranças do melhor período da existência?

Ou corresponderia aquella nova attitude a uma delicada repulsa aos seus sentimentos, que ella, talvez, houvesse percebido, com a habitual acuidade feminina nesses assumptos? E vinha-lhe obstinadamente á idéã o que ouvira dizer do amor que pela bella Inês nutria o tenente de dragões Francisco Álvares, de há pouco chegado á Capitania e logo, como elle, enfeitado pelos encantos da mimosa donzella.

Dar-se-ia que Inês o amasse? Mas o certo é que também Francisco não merecera, prova alguma de predileção especial. Esta reflexão o animava, fortemente. Neste dédalo de conjecturas e de supposições, qual mais contradictória, debatia-se a alma do pobre moço. Durante a festa do Espírito Santo encontrara-a por varias vezes, na egreja, em casa do «imperador», na rua, mas fôra recebido sempre com a mesma indifferença que o desesperava.

Lopo cogitava qual seria o meio de vencer aquella attitude e obter da joven um pro-

nunciamento qualquer — favorável ou não — mas que o tirasse daquella dolorosa perplexidade. Lembrou-se que no dia seguinte deveria começar a cavalhada. O cadete lhe dissera, na véspera, que elles iriam com a família do licenciado Barbosa. Um ardil lhe veio súbito á idéa.

As mulheres são muito accessiveis aos zelos: o amor ellas conseguem dissimular, não assim o ciúme, que é a prova indirecta daquelle. E mentalmente dispôs-se Lopo a experimentar o sentimento da joven, por meio de um engenhoso estratagema. Emquanto isso pensava, ia arranjando as roupas collocadas sobre a velha arca de pau santo, com um ligeiro sorriso nos lábios e uma vaga esperança no coração.

III

A TARDE DA CAVALHADA

Era bellissimo o aspecto da praça, á aproximação da hora da cavalhada. Crescente animação parecia fazer convergir para aquelle ponto toda a vida da cidade. Dos bairros

mais centraes, como dos mais afastados, famílias em grande numero chegavam a cada momento. A gente rica era seguida do brilhante séqüito de escravos, que conduziam doces e bolos em cestas de vime ou em bandejas cobertas de artisticas toalhas de crivo e bilhas de água fresca da Prainha. Os *crioulinhos* iam adeante, carregando as creanças menores; atrás desfilava o grupo das velhas de chale e chinellos, trazendo potes á cabeça, *mochos* e banquetas em baixo do braço. As *sinhásinhas*, nos seus garridos trajés, penteados da moda, ricas arrecadas brilhando ao sol, vinham, numa palreirice, faltando das festas daquelles dias. As senhoras, com seus vestidos de praça e ricos mantos de peso, conversavam, a passo vagaroso, acerca dos assumptos do dia a chegada do novo Capitão-general, a moléstia da mulher do Ouvidor e a fuga dos escravos dos engenhos da Serra-Acima. Pelas immediações do local notava-se o borbórinho confuso dos grandes ajuntamentos. Botequins armados a capricho, com bandeirolas á frente e balões de papel de cores suspensos ás janellas e portas, viam-se em todo o circuito extenso da praça. As negras quitandeiras exhibiam aos passantes os seus bolinhos e biscoitos, brôas de

milho é mãos-bentas, nos vistosos balaios enfeitados. Vendedores ambulantes, quase sempre homens de cor, apregoavam a deliciosa *garapa de caiana*, o *aluá*, os *fates* macios e os bolos de arroz apetitosos. Outros ofereciam lugares embaixo dos camarotes, mediante módico aluguel. Cerca de meia hora, após o meio dia, a vasta praça regorgitava de povo, como um grande formigueiro humano, composto das classes mais, heterogêneas da sociedade. Pelos *palanques* estadeava-se a gente fina da epocha, constituída pelos *leões* da moda, pelas guapa moçoilas, pelas damas elegantes e cavalleiros de nobres ademanes, copiados á velha fidalguia reinicola, por tudo, emfim, que de representativo havia naquella sociedade colonial.

Viam-se ali os negociantes abastados, os homens de leis e letrados, os membros da alta milícia, dos corpos de ordenanças e dragões, os «republicanos», os representantes da primeira nobreza, da vereança, do Senado da Câmara e as. pessoas ligadas ao mundo official pelos laços da amizade, ou da subserviência.

Embaixo dos camarotes ficava a plebe, a gente do povo, taverneiros, meirinhos, negros fôrros, mulhero, participando todos da mesma

ansiosa expectativa pelo inicio da corrida. Zumbia a vasta colméia, em incessante ruído, que de hora em hora augmentava paulatinamente. Commentava-se o traje dos que chegavam, as pessoas que não appareciam, os namoros e as ultimas novidades da terra. Num camarote todo azul e branco, lindamente ornamentado, junto ao palanque central do «imperador», a família de Aires Moutinho se installára havia alguns minutos quando os rojões annunciaram a aproximação do cortejo.

Um vasto rumor de entusiastica alegria encheu, de extremo a extremo, o largo. Já o toque dos clarins e tambores se fazia ouvir bem distincto dos lados da rua Direita, por onde vinham os cavalleiros. pescços se alçavam e cabecinhas gentis envoltas em lindos toucados surgiam do fundo dos camarotes, numa deliciosa ansiedade.

Com pouco o préstito assomava e, ao som da musica, davam entrada na arena os cavalleiros, em meio ás palmas vibrantes, aos prolongados applausos da numerosíssima assistência.

E a corrida começava.

IV

A CORRIDA

Nó meio da praça, após as saudações do estilo, dividiu-se o séquito em dois grupos, indo cada um delles occupar um dos extremos da vasta área circular. Dum lado ficavam os “portugueses”, doutro os “mouros”, os quaes se distinguiam pelas vestes características de variadas cores e ornatos. Á frente de cada grupo o “mantenedor” alardeava a sua natural elegância, porte garboso e ares de commando, seguido cada um do seu “embaixador” e seus doze “cavalleiros”, acompanhados dos pagens que, a pé, conduziam as armas de combate. Os “Portugueses” usavam casaca e calção de setim azul, peitilho carmezim em que se insculpiam, bordadas, as cinco quinas; á cabeça, largo capacete com plumas e os pés calçados em meias de seda e sapatos de polimento com fivelas prateadas. Traziam os “mouros” vestimenta vermelha, também de fino setim, com o peito azul em que se via bordada a meia lua; á cabeça, o turbante de velludo e o alfange semi-curvo pendente dos flancos. Montavam uns e

outros bellos e ardegos cavallos, ajaezados a primor, trazendo as pistolas nos coldres e as espadas prezas ao arção da sella. Os pagens, também vestidos a character, si bem que com mais simplicidade, postados atrás dos cavalleiros, acompanhavam-lhes as marchas e corridas, sempre promptos ao primeiro appello. Entre os cavalleiros mouros destacava-se, pela sua destreza e galhardia, o moço Lopo, cavalgeando um fogoso ginete negro, o qual trazia sempre ao lado do cavallo branco do “mantenedor”. De um relance percorreu o joven com os olhos o circulo dos *palanques* e a sua vista deteve-se longamente no camarote azul e branco em que a linda filha do sargento-mór ostentava a sua belleza virginal e serena, que era a tortura do moço cavalleiro.

Inês achava-se ao centro do camarote, ao lado de Mathilde, a sympathica moreninha, filha do licenciado Barbosa, vendo-se, mais ao fundo, os seus pais que conversavam com ele e com o capitão Rodrigues, veterano das guerras com os hespanhóes e velho amigo da casa do sargento-mór.

A gentil menina estava nesse dia mais bella que de costume soia apresentar-se. O seu traje de seda azul celeste dava-lhe especial

realce a tez finíssima e clara, de uma ligeira coloração rósea que a tornava ainda mais seductora. Usava um vestido de bicos com barbatanas, meio decotado, deixando entrever o colo opulento e os braços esculpturaes; toucado destacava-lhe mais o encanto do rosto pequenino, vindo prender-se, por uma fita azul, embaixo do queixo; um largo cordão de lantejoulas lhe descia até o corpete onde brilhava artístico e rico crucifixo de ouro; e as suas arrecadas de brilhantes, os aneis, o lindo prendedor de saphiras, scintilavam ao bello sol de maio numa luminosa reverberação. Ainda os olhares do moço enamorado devoravam, numa contemplação de êxtase, o perfil da joven, quando os seus ouvidos foram attrahidos pelas palavras do “mantenedor” portugûes que transmittia ao seu embaixador, em longos versos emphaticos e retumbantes, a mensagem a ser dirigida ao rei dos mouros.

Um silencio profundo, mixto, de curiosidade e respeito, pesava sobre a praça. O embaixador luso sc dirigiu, na larga marcha do seu alazão, acompanhado do pagem, ao outro extremo da praça onde ficava o acampamento inimigo.

Em ali chegando dava conta da sua incumbência em larga tirada poética, convidando o soberano mouro a abraçar a lei de Christo, baptizando-se, condição esta que o seu rei offerencia para que a paz se fizesse entre os dois povos.

O sultão, porem, longe de annuir á proposta que lhe era feita, respondeu com duras invectivas ao embaixador lusitano, declarando que desprezava as suas bravatas e que a uma paz humilhante como a que se lhe propunha, preferia a guerra levada ás suas ultimas consequências.

Retira-se o emissário portugûes e o rei mouro, chamando pelo seu “leal vizir”, dá-lhe o encargo de ir levar ao monarcha inimigo a sua resposta, convidando-o, em seu nome, a curvar-se ao jugo de Allah, reconhecendo a lei de Mahomet, sob pena de ver o alfange sarraceno dizimar “as suas pávidas hostes”.

Terminadas as embaixadas, que naturalmente não surtiam effeito, iniciou-se a lucta, que correu variada, animadíssima e brilhante, revelando os cavalleiros extraordinária destreza e agilidade, acabando, como sempre, a pugna, pela derrota dos mouros, que, aprisionados,

desfilavam, seguidos pelos seus vencedores, á roda da praça. Toda a assistência vibrava num unísono côro de aclamações aos triumphadores do prélio e uma ensurdecadora grita se elevava dos *palanques* aos bancos populares, dos “botequins” ao interior da arena.

Estava terminada a “corrida” e, após ligeiro intervallo, deveriam seguir-se os outros jogos do torneio, que constituíam a segunda parte da festa.

V

O TORNEIO

De todos os variados jogos do torneio nenhum excedia em viva animação ao das “argolinhas”, também chamado das “manilhas” que, melhor que qualquer outro, se prestava ás expansões de galanteria dos jovens que porfiavam naquellas justas brilhantes. Consistia essa interessante diversão numa corrida a cavallo, na qual o cavalleiro deveria mostrar a sua agilidade e destreza, tirando com a lança uma argolinha de ouro suspensa de um fio ao meio do campo. Bem difficil se antolhava, na mor parte das vezes, essa prova, uma das mais bellas

do jogo, pois era commum na corrida, escapar, no assalto da lança, o pequenino alvo visado pelo cavalleiro. Empenhavam-se os rapazes com verdadeiro afan em conquistar o tropheu para a joven de sua dilecção, a qual, em paga da gentil offerenda, atava á lança do vencedor um laço de fita, symbolizando a victoria. conquistada.

Era, por isso mesmo, grande o entusiasmo despertado por esses lances do torneio. A joven que recebia a prenda, considerava-se naquelle dia tão orgulhosa como uma daquellas damas medievas a quem o galan trazia das remotas terras do Oriente a láurea das victorias arrebatadas, em árduos combates, aos mussulmanos. Accresce que a flor da rapaziada corria aquelle anno, e uma nobre ardida emulação os trazia em discreta rivalidade. Lopo, comsigo mesmo, jurara tirar primeiro a “argolinha”. Ao dar começo á corrida, os olhares de todos os presentes convergiram para o canto da praça, onde cinco guapos cavalleiros se alinhavam para a conquista da desejada victoria. A um signal, partiram uns após outros. Á frente, Nuno de Aguiar, num soberbo cavallo russo, ostentava a sua rude figura de fidalgo de outras eras, másculo e severo; seguiam-se lhe os dois irmãos

A CAVALHADA

Leopoldo e Eduardo Pereira, ambos gentis nos seus elegante calções de velludo; empós destes, o rico paulista Francisco Álvares, trajado a caracter, mostrava, nas maneiras, o traço de seus antepassados bandeirantes, acostumados á vida áspera dos sertões e, porfim, conservando as suas vestes mouriscas, no veloz ginete negro ajaezado de prata, lança em riste, olhos brilhantes de esperança, seguia Lopo Caldeira, o joven enamorado da filha do sargento-mór. Os três primeiros erraram a investida, passando sem siquer tocar de leve a argolinha. Francisco Alvares na impossibilidade de tiral-a, deu-lhe de revez, com a canna da lança, um forte golpe, que a fez oscillar no espaço, querendo com isso baldar a fortuna que por ventura pudesse ter o parceiro, que se lhe seguia. Lopo percebera, porem, em tempo, o estratagemma do seu rival e de tal arte soube revestir o manejo da sua lança, que, no arremesso da corrida, ainda pôde apanhar a “argolinha” no ar e arrancar-a triumphalmente. Estava ganha a partida. Uma vasta, desmedida acclamação enchia toda a praça. Palmas e gritos se succediam numa ovação ruidosa ao vencedor. Lopo dirigiu o animal, a meio galope, para o camarote do sargento-mór. A praça inteira esteve um momento

JOSÉ DE MESQUITA

Presa á sua garbosa figura que avançava, já prestes a encostar-se ao palanque azul e branco de Aires Moutinho. Os seus olhos nada enxergavam, os seus ouvidos zuniam, todo elle se sentia tomado de uma extranha commoção.

Estendeu a lança para o camarote onde Inês e Mathilde se achavam dominadas pela, mesma emoção. Não foi, entretanto, á famosa filha de Aires Moutinho que elle entregou a “argolinha”, e sim á filha do licenciado Barbosa que, num enleio enorme, estendeu a mãosinha enluvada para receber a inesperada offerta. Pouco depois, Lopo dirigia-se para a outra extremidade da praça, a lança erguida em que fluctuava um grande laço de fita cor de rosa. Uma immensa alegria dominava-lhe a alma. Na confusão do momento, não lhe passara despercebida a súbita commoção que tomara a joven Inês, cujo rosto empallidecera, não lhe sendo possível reprimir a intima augustia que lhe refranzira os lábios.

A estatua. impassível se humanizara, delatando, numa commoção irrefreável, a natureza do seu occulto sentir. Neste entrementes, o torneio prosseguia animado, mas para Lopo nada mais havia sinão o prazer immenso que

lhe enchia a alma e todo o ser, ante a certeza do amor de Inês.

Nem ao de leve lhe passara pela mente a idéa de que aquelle movimento pudesse ser attribuido a um assomo de vaidade ou amor próprio espezinhado.

Julgava-a muito sincera para suppol-a capaz de abrigar no coração taes sentimentos.

Instintivamente buscou com os olhos o camarote azul e branco do sargento-mór; já lá não estava a moça. Ter-lhe-ia acontecido alguma causa?

Fundo, amargo remorso pungiu-lhe a alma.

Porque, sob o pretexto de conhecer o seu sentimento, a maltratara tão rudemente? Desde essa hora o moço não prestou mais attenção aos jogos do torneio. E quando, pouco depois, a banda de musica, num dobrado marcial, annunciava a terminação da cavalhada, Lopo sentiu que lhe retiravam um peso do coração.

Correu para a casa e, trocadas as vestes, uma hora após dava entrada na sala do sargento-mór.

VI

A ENFERMIDADE

Inês sentira-se repentinamente incommodada e os seus paes viram-se por isso forçados a sahir antes de terminada a festa. O licenciado, porém, ficára com a filha que, intimamente, hauria um secreto prazer na humilhação da amiga, que tinha por muito orgulhosa e cheia de vaidade.

Foi com um leve sorriso de ironia que Mathilde ouviu a amiga referir-se á súbita vertigem que a acomettera. “Dor de canella, isso é que é”, disse comsigo mesma a trêfega moreninha.

E já antegozava o prazer de ter como seu predilecto o joven Lopo, indiscutivelmente um dos rapazes mais bem apessoados da cidade.

A esse tempo Inês chegára á casa e, como o mal repentinamente se aggravasse, recolheu-se ao leito, sahindo prestes o cadete André á procura do medico da casa, o cirurgião Moreira.

A menina sentira, no camarote, um grande mal-estar, acompanhado de calafrios e pontadas, e, em casa, a febre se declarara, causando

sérias apprehensões á família. No emtanto, amanhecera boa e bem disposta e se preparara com animação para a cavalhada.

Lá mesmo não a abandonara a habitual jovialidade, em alegres e espirituosos commentários com a sua amiguinha, conservando se nessas disposições até o momento em que Lopo se aproximara do camarote trazendo a “argolinha” galhardamente conquistada. Indizível fôra a sua satisfação ao ver que a fortuna sorrira ao seu companheiro de infância, por quem sentia, não obstante a frieza convencional que demonstrava em sociedade, uma dessas violentas paixões que medram, por vezes, como uma flor occulta, nas almas delicadas e sentimentaes, tanto mais ardentes, quanto menos conhecidas. Ao notar que Lopo se dirigira antes á sua amiga, Inês percebeu um como surdo baque dentro de si, tal fosse o ruir de um mundo de esperanças e illusões.

Procurou, mas para tanto lhe falleceram forças, dissimular o que se passava na sua alma sensibilíssima. Mas já o seu organismo débil, a que tamanha emoção abalara, dera mostra de perturbação e foi quando ella pediu a Senhorinha, em voz baixa, que se retirassem, pois se sentia mal.

O facultativo chegado á pressa, depois de examinar minuciosamente a enferma, não se mostrou satisfeito ante os symptomas que se manifestavam. Era uma febre cerebral, um tanto perigosa, cura dependia de muito cuidado.

Lopo, passando pouco depois pela casa do sargento-mór, foi informado do que se dera e ficou acabrunhadissimo. Um soffrimento innominavel entrou a torturar-lhe a alma desde esse momento. Por uma experiência, desnecessária talvez, sacrificara elle levemente a vida da pessoa a quem mais amava neste mundo? Mas, de outra parte, intima e egoística satisfação, que repugnava confessar-se, lhe vinha, ao pensar que fôra o amor da joven por elle a causa de tudo aquilo. A moléstia com poucos dias attingia o estado agudo. As crises de febre alta se succediam, acompanhadas, de delírio intenso, durante o qual Inês só repetia os nomes de Lopo e Mathilde. Mezinhas, tizanas, sangrias, applicação de ventosas, tudo fôra tentado em vão. O medico, sabedor das relações existentes entre a família do sargento-mór e a de Lopo, appellou para a presença deste, como um recurso extremo.

O moço vinha todos os dias saber do estado da doente. Naquella tarde, Moreira

convidou-o a entrar na varanda, donde elle foi solicitado por D. Senhorinha a penetrar no quarto onde se achava a enferma.

Commovido e hesitante, sem comprehender o que de passava, Lopo entrou na alcova de Inês, procurando abafar os passos no tapete e quasi contendo a respiração.

Viu-a, ao primeiro lance do olhar, pallida e branca, entre os alvos lençóes de linho, os cabellos negros desfeitos em bucras naturaes sobre a fronha dos travesseiros, os olhos cerrados, uma expressão angélica e serena na physionomia. Avançou, tremulo, alguns passos, como si se sentisse deante da magnitude de um santuário e acercando-se do artístico leito de acajú, perfeito trabalho de talha, de severas molduras negras, esteve a ponto de ajoelhar-se. O medico, porém, conteve-o de pé, á cabeceira da cama. E de vagar, numa voz branda e persuasiva, pôs-se a chamar baixinho a doente pelo seu nome. Um silencio profundo enchia o aposento em que se ouviria o leve zumbido de um insecto. Á terceira ou quarta invocação, Inês descerrou lentamente os lindos olhos negros e humidos, cheios do grande e profundo mysterio das águas dormentes.

Vendo o moço ao pé de si fitou-o demoradamente como procurando reconhecê-lo. Depois, fez um ligeiro esforço para firmar-se nas almofadas do leito. Um doce, enlevado sorriso iluminou-lhe a face macerada duma pallidez mystica e soltou um suspiro prolongado e ténue em que dir-se-ia exhalar-se a pureza angélica de sua alma.

VII

NOIVOS

Desde esse dia, as melhoras da moça entraram a accentuar-se lenta mas animadamente. Moreira se mostrara satisfeitíssimo com a prova; de que colhera o mais feliz resultado. Lopo, por outro lado, via, com um prazer ineffável, augmentarem-se, dia a dia, as suas probabilidades de ventura. Inês, quando o via, fazia-se mais animada que de costume. A família do sargento-mór recebia-o com particular affabilidade, principalmente D. Senhorinha, que se desfazia em agrados, desde que vira coincidir com a sua primeira visita a súbita melhora da filha. Naquelle ambiente de expectativa passaram-se cerca de vinte dias, em

que a convalescença de Inês ia, dia a dia, se pronunciando.

Já leve matiz lhe enrubescia as faces, antes tão lívida, ao chegar o moço Lopo e perguntar-lhe, num meio tom ceremonioso, pelo se estado de saúde.

— Vou melhor, sempre melhor, limitava-se ella a responder, com um doce sorriso.

Em casa, entretanto, e na vizinhança já, os consideravam como noivos, dizendo-se mesmo, á boca pequena, que só esperavam o completo restabelecimento de Inês para ser annuciado officialmente o contracto de núpcias.

Um domingo pela manhã, o medico, cuja familiaridade na casa era assaz conhecida, interpellou Aires Moutinho acerca daquella situação.

—Depende do moço, respondeu, meio risonho, o velho, sargento-mór.

—Pois sim. Mas elle precisa comprehender isso. Si você me autoriza, eu lhe fallo... Elle é tão tímido...

Aires limitou se, em resposta, a um vago aceno affirmativo. E no dia seguinte, Lopo

Caldeira pedia officialmente a mão da filha do sargento-mór. Inês, consultada, a respeito, respondeu, com um vivo rubor no rosto:

— Si é do gosto do papae da mamãe...

Nessa mesma tarde, o cirurgião Moreira, intermediário no pedido, levava ao joven Lopo a resposta da família. Á noite, Lopo, mettido na pesada rabona, dirigia-se á casa da noiva para levar-lhe o seu primeiro ramallete e os seus cumprimentos officiaes. Inês recebeu-o na sala, toda de branco, fresca e linda, uma primavera de saúde e alegria a rebrilhar-lhe nas faces. E á noite, depois de trocadas as primeiras palavras de intimidade, ella lhe pediu, com o seu mais insinuante sorriso, que nunca mais corresse cavalhadas.

— Porque? perguntou Lopo.

— Não quero mais lembrar-me do que já foi... Quero esquecer-me inteiramente de um cavalleiro que se mostrou ainda mais “mouro” nas acções do que nas vestimentas...

— Não fôra isso, porém, accrescentou o moço, sorrindo, talvez não tivéssemos sido felizes tão cedo!

— Ah! isso é verdade, ajuntou Inês com uma expressão de prazer no lindo rosto levemente tocado pela commoção.

O velho Moreira, que nesse momento entrava no salão, surpreendeu-os naquella doce colloquio e, bonachão como sempre, lhes disse, a sorrir:

— Alto lá, crianças! Vocês têm muito tempo para conversar, ouviram? Hoje é dia de festa, dia dos amigos da casa. Anda, Inês, vá tocar, no psalterio, aquella linda serenata que você tocou tão bem no dia do seu anniversario.

Renuncia

A Oscarino Ramos

RENUNCIA

I

Juca Duarte partira de Villa-Maria bem cedinho para ir á fazenda e, áquella hora quente de sol, o seu cavallo “Matungo” trotava preguiçosamente pela estrada velha, rumo da serra. Meio esmorecido, chegava as rosetas ao pelo do animal; para ganhar, aqui e ali, um pouco de sombra, pois o calor era tamanho que lhe infundia uma invencível modorra. Juca piscava os olhinhos pardos, com uma zoeira nos ouvidos, as fontes a latejar como se fossem a estalar a cada instante. Já tinha bebido toda a água que trouxera na guampa e ainda sentia a boca seca, com um gosto horrível a pó e soalheira. De momento a momento, falava alto, comsigo mesmo, ou fingindo falar com o animal, com si quisesse diminuir a impressão da solidão que o rodeava, naquela estrada

curva, lavada de sol, ora aberta em esplanadas que desciam num declive macio para os banhados, quasi secos agora, nesse fim do verão ardente, ora toda tortuosa e íngreme, reduzida a simples batidas, que só o olhar traquejado do caipira distingue, aos trilhos estreitos, beirando baixadas perigosas, ou as varadouros escuros e cheios de humidade. Perto delle, quasi seguindo a estrada que levava á fazenda, o rio rolava entre as margens barrancosas a sua água escura e barrenta, num murmurinho confuso e triste e vinha, por vezes, uma viração fresca e suave que o pobre homem aspirava com ânsia, como querendo beber, num hausto, o lenitivo daquella aragem passageira. Longe, no amplo horizonte indefinido, recortavam-se, numa curva imprecisa, os primeiros espigões da Serra dos Parecis, o caminho que o levara, tantas vezes a Villa-Bella e que elle conhecia palmo a palmo, pelo já ter percorrido dezenas de vezes sozinho, de dia e de noite, no seu animal de confiança.

Sim, que elle era o rapaz mais *cuéra* daquella zona toda, desde S. Luis até as fronteiras da Bolívia, e não recebia lições de ninguém quando se tratasse de abrir *picadas* no matto, de encurtar caminhadas e escolher pousos em toda

aquella extensão de mais de cinquenta léguas que vivia a percorrer desde meninote.

Grotas perigosas que lindos taboleiros, insidiosamente, occultam, como os *sarans* escondem, as vezes, traiçoeiros redemoinhos; curvas imprevisitas de estrada, entre os cerrados de lixeiras, ou mattas sombrias, já com pequenas clareiras de sol, já mergulhadas na escuridão e no silencio, por onde o *carreador* collêa zigzagueando tudo isso lhe não trazia surpresa. Conhecia bem todos os perigos do matto e não seria elle, com mais de vinte annos de viagens continuas, na sua rude profissão de tropeiro, que voltaria do caminho, como qualquer novato, só porque uma trama de cipoal lhe cercava a estrada ou por ouvir ruídos extranhos nos taquaraes da margem.

Não tinha medo de cobras e dizia-se mesmo ser curado contra a peçonha dellas; assombrações tampouco o intimidavam e andava pelo matto, fóra de horas, com luar ou sem elle, e nunca vira nada, nem *canhambóras*, que havia muitos por aquellas bandas, fugidos dos engenhos e occultando-se á perseguição dos capitães do matto. Levava a sua *picapau* sempre comsigo, presa a

tiracollo ou atravessada ao arção dianteiro e só uma cousa neste mundo lhe punha certo arrepio no corpo: — era quando se via apanhado em viagem pelos aguaceiros, longe de qualquer morador, tendo de abrigar-se sob uma árvore...

Tinha um medo invencível de raios e o ter de ficar perto de uma arvore, cuja vizinhança os attrahe, infundia-lhe inconsciente e enorme pavor. Benzia-se a cada trovoada que abalava, com fragor, a floresta e, de cada vez que via abrir-se o céu plúmbeo em relâmpagos de fogo, gritava por Santa Bárbara e S. Jerônimo, que protegem contra as tempestades... Não sossegava emquanto, arrefecida a violência do temporal e cessados os trovões, não se desanuviasse o céu e elle pudesse seguir pelas estradas inundadas onde a chuva abriera boqueirões enormes, desbarrancando a terra fôfa e vermelha... Mas com aquelle tempo sereno de agosto, de muito sol e muita claridade, não havia sombra de perigo. E Juca Duarte, derreado e meio bambo, um cigarro de palha apagado ao canto da boca, batendo as *caçambas* uma contra outra, seguia pela estrada, a cantarolar baixinho, numa toada indolente, uns versos que ouvira a uma morena, na sitiola do Nunes, no *siriri* do domingo.

II

Aquella morena que elle vira dançando o *siriri* em casa do Nunes impressionara-o bastante. Mentalmente, ao repetir os versos, procurando emprestar-lhes a cadencia da sua voz langorosa, Juca ia reconstituindo a emoção passada, qual si estivesse a vel-a de novo. Meia altura, gorduchinha, rosto redondo e picado de alguns signaes, olhos pretos e vivos, collo farto, um todo de veadinha arisca, com meiguices de rola e colleios de serpe — aquella mulher parecera resumir todo o ideal simples e fácil de sua alma rude de sertanejo.

Juca Duarte sentia, ao pensar nella, uma delicada commoção, como nunca sentira, elle que sempre tivera idéas muito praticas e grosseiras acerca das mulheres e do amor. Atirado e forte, sympathico de physionomia e attrahente nas maneiras, Juca tivera diversas aventuras amorosas na sua vida e, apesar de já andar beirando os trinta e cinco, era ainda sensível ao mágico prestigio feminino.

Não *pabulava*, entretanto, do que lhe succedia e era até tido em conta de muito discreto, o que lhe valia como uma qualidade a mais junto

das mulheres, que delle facilmente se enamoravam, rendendo-se captivas ao bello rapaz, que tanto tinha de *prosa* e valente, com os seus parceiros, quanto de terno e apaixonado, perto dellas. Augmentava-lhe o ascendente nas rodas femeninas a instrucção pouco acima do vulgar que possuía, servida por fácil e espontânea intelligencia, permittindo-lhe pilherias gostosas e inspirados descantes ao violão, tornando-se mesmo celebre a sua fama nas serenatas e nos desafios, em que sempre levava a palma aos demais companheiros. As constantes viagens que era obrigado afazer contribuían, por outro lado, para crear em torno do seu nome essa atmosphaera de lenda que facilmente seduz os espíritos femininos e mais de uma vez, em roda do fogo, nos ranchos onde a viola pontilhava num guaiar de saudades, elle prendera muito coração de cabocla a narrar as Suas peripécias ou em longas caminhadas pelo sertão do Jaurú, ou, Guaporé acima, nas frágeis *montarias*, a procura do guaraná ou das castanhas, em rudes e arriscadas expedições...

Ao contrario de seus companheiros, Juca prezava-se de ser uma pessoa limpa, sem morte de homem nas costas, pois nunca fôra

capanga ou assalariado de ninguém. Preferia aquella vida que levava de sua própria vontade e gosto. Trabalhando, adquiria o necessário para, manter-se com independência e até folgadoamente; gozava de muito credito, graças, á lisura com que fazia todos os seus negócios e assim vivia, de ha muitos annos, pois, orphão de mãe, sem ter conhecido pae, fôra, desde menino, obrigado a viver sobre sí. A sua esphera de acção era relativamente limitada entre Poconé, aonde fôra algumas vezes e Villa-Bella, sua terra de nascimento e centro de sua actividade, mantendo assíduas transacções com os grandes senhores de engenho da Jacobina e outros importantes estabelecimentos da zona.

Jamais a ambição o levava a exceder essas raias: nunca fôra sequer á Capital, a que, aliás, votava mal dissimulado ressentimento, fazendo a responsável pela rápida e dolorosa, decadência de Villa-Bella... Como o cavallo, súbito, parasse, numa travessia de ribeirão, Juca deu de rédeas, e, enquanto esperava que o animal bebesse á vontade, accendeu vagarosamente o cigarro no isqueiro prateado. A idéa da morena esvoaçou-lhe ele novo na memória...

Por que não lhe era possível esquecer aquella creatura que lhe apparecera, á luz bruxoleante de um candieiro, no terreiro do Nunes, e que mal lhe dirigira o olhar, entretida em acompanhar o rhythmo do *siriri*, mixto de jongo barulhento e da alegria bregeira do cateretê? Juca, mau grado a si mesmo, sentia-se dominado pela lembrança della e via que aquella mulher se representava á sua imaginação simples de matuto como uma entidade superior ao vulgar, como qualquer cousa melhor que as outras que elle tinha até ahí conhecido.

Sem duvida era aquella morena que deveria fazer a sua felicidade... Mas, quem seria ella?

Dali, de Villa-Maria, por certo que não era, que elle conhecia toda aquella redondeza e nunca vira tão gracioso palminho de rosto. O cavallo, saciado, deu de andar, agora com mais alento. Refrescara um pouco. A tarde, lenta, ia cahindo... Os ares povoavam-se de vozes extranhas: eram nhambus a piar, melancolicamente, de dentro das capoeiras, casaes de araras, que passavam, gritando, aves de toda a espécie, em vôos lentos, á procura de ninho.

A CAVALHADA

O sol já transmontava, rubro como um disco de cobre, o espigão da serra e a doçura do crepúsculo imprimia suave tristeza á paisagem. Um grande *mamangá* passou rente á cabeça do cavallo e começou a rodear em torno do chapéu de Juca Duarte...

Sahe, demônio! gritou o caboclo, depois de procurar, por duas ou três vezes, afungental-o, irra! que você até parece certo pensamento que me está a perseguir!

III

De volta da fazenda, noutra dia, de tarde, Juca Duarte ia seguindo o trilho que passava em frente á sua casa, quando ouviu uns, passos dentro do cerrado, que fizeram o cavallo espantar-se e empinar rapidamente as patas dianteiras.

Que é lá isso, Matungo? bradou o caboclo, não sem certa impressão diante daquelle ruído inesperado. Deixa de historias, anda, que é preciso chegar!

De facto, escurecia.

Longe, na orla do campo, o sol punha um incêndio dê luz, uma immensa confusão de

JOSÉ DE MESQUITA

cores, desde a gloria flammante do vermelho púrpura até a melancolia doce do violeta... Na sombra crescente, rolas turturavam, num tom de tristeza infinita.

Um vento fresco e ligeiro soprava das bandas do Seputuba. De repente, o barulho se fez ouvir de novo e Juca teve um abalo violento ao ouvir, no silencio recolhido da noitinha, a voz clara o sonora da morena do siriri, cantando, na mesma toada, a cantiga que o apaixonara:

De tardezinha ando á toa
á procura de meu bem...
Ai de quem vive sozinha
sem ter o amor de ninguém!

Juca Duarte estacou o animal, pallido e nervoso, o coração a pulsar desordenado na febre de uma commoção imprevista. E a voz da cabocla, cheia, quente e vibrante, feita de inflexões cariciosas, continuou, no estribilho suave:

Ai de quem vive sozinha
sem ter o amor de ninguém!

Juca Duarte cuidou ouvir passos que se aproximavam. Prestou atenção, toda a atenção, mas o barulho cessara. Andaria ella pelo matto, áquella hora, á procura de seu bem, realizando a idéa singela expressa na modinha?

Oh! si ella quisesse! Elle bem poderia ser o bem que ella esperava... Juca sorriu para si mesmo, com malícia, esfiapando um pouco de fumo nas mãos callosas, mas logo sentiu como que uma revolta contra si próprio por haver feito aquella idéa tão grosseira... Amarrou o cavallo a um mourão em frente á sua casa e pôs-se a andar, descuidado, até a estrada, *reúna* que passava uns vinte passos adiante, ao entrar da cidade.

Talvez ella estivesse numa das primeiras casas da rua da entrada e elle pudesse vel-a e falar-lhe... Não. Não se sentia com coragem para dirigir-lhe a palavra, apesar da sua franqueza e desembaraço com as mulheres. Mas — e de novo lhe acudiu o mesmo pensamento da véspera — aquella não era como as outras... E, na sua mente, se pôs a idealizar-lhe as feições e a recompor-lhe os encantos, a começar pela voz que havia poucos instantes acabara de ouvir...

Que voz harmoniosa, feita para a doçura das palavras de amor, para a ternura das palestras a surdina, no aconchego do rancho, enquanto, fóra, ao luar de prata, o violão desferisse, os seus melancólicos gemidos!... Subitamente, ao virar a estrada, Juca avistou a morena que chegava por outro atalho á casa do Nunes, saias arregaçadas, num passo lento de fadiga, trazendo ao ombro um grande feixe de lenha que fôra buscar ao matto. Estava explicado porque lhe ouvira a voz de dentre o cerrado que havia por trás da casa...

Quis chegar-se a ella, fallar-lhe, pedir-lhe que o deixasse conduzir aquella carga tão pesada aos seus ombros delicados, mas faltaram-lhe os termos próprios, travou-se-lhe a língua, embaraçaram-se-lhe as idéas e elle se sentiu ridículo e sem forças deante della ... A morena passou bem em frente d'elle, a tempo que elle ainda lhe viu o leve sorriso com que, num aceno ainda mais leve, lhe dirigiu umas “boas tardes” que elle correspondeu, num largo gesto do seu *carandá* desabado. Um aroma de flor agreste enchia o ambiente morno da tarde e Juca, desapontado, sem perceber a sua situação grotesca, deixando transparecer ao vivo a paixão que

o dominava, parou ali, largo tempo, a coçar a testa, olhar em alvo, como que abstrahido num grande sonho de ventura. Cahira de todo a noite...E Juca voltou para a sua casinha, a passos lentos, meditativo e *banzo* emquanto, na calma vespertina, ainda lhe cantava aos ouvidos, como um refrão insistente, o final da modinha tristonha:

Ai de quem vive sozinha
sem ter o amor de ninguém!

IV

Um mês depois, na fazenda, Juca, sentado num velho tronco de pau-ferro, olhava uma crioulinha tocar a criação com o varal e, emquanto ia desfiando umas embiras para fazer algumas peias, pensava, com o coração apertado, na resolução que deveria tomar diante da situação a que o levava o seu amor á Dictinha. Na véspera, ella lhe dissera francamente o que tencionava e o que podia fazer. Só se casaria com elle se annuisse em irem os dois para Cuyabá, onde morava a família della — a mãe velha e paralytica e uma irman pequena — das quaes não poderia separar-se.

E entre o desgosto de perdê-la e a dolorosa fatalidade de renunciar para sempre áquella vida que levava desde criança naquelles lugares já por demais familiares e queridos á sua imaginação, Juca hesitava, numa dubiedade angustiosa a que não conseguia pôr fim.

Não podia ser de outra fórma, entretanto, entretanto, intimamente, se confessava que Dictinha estava com a razão, mas doia-lhe que fosse condição para a sua felicidade aquelle desenraizamento. Sim, porque embora arrojado, sem preconceitos nem abusões, parecia-lhe transformação radical na sua vida aquella mudança repentina para um meio tão differente, e que iria acarretar-lhe alguma infelicidade, quando muito grandes aborrecimentos.

Um immenso receio que elle não sabia definir, lhe acabrunhava a alma á só perspectiva de ter de deixar aquelles lugares em cuja calma lhe ficara toda a sua vida passada. Seria possível que uma mulher, só por ser bonita e agradar-lhe, conseguisse fazer na sua vida tamanha metamorphose, a elle, sempre frívolo e que sempre zombara das paixões e do amor? E Juca reflectia, meio supersticioso, como todos os caipiras, na influencia mysteriosa do destino

e imaginava que espírito bom ou mau teria feito vir ali aquella cuyabana bonita para assim transtornar a sua vida antes tão calma.

Por ella iria renunciar á sua existência tão bem encaminhada, na sua terra, entre os seus, para arriscar um novo começo de vida, em terra estranha e talvez hostile? Na sua imaginação de matuto surgia a vaga prevenção que a Capital desperta na gente simples do campo, aguçando-lhe do mesmo passo a curiosidade e o receio de conhecê-la. Seria possível que uma mulher pudesse influir tanto na vida de um homem? Não que Juca sentisse uma dessas paixões irresistíveis e violentas de que ouvira falar, que levam ao crime, á loucura e á morte, mas, no seu íntimo, elle reconhecia, que não poderia mais achar gosto á vida, dali por diante, sem Dictinha.

Ella, naquelle curto mês de namoro, conseguira, com um admirável e inconsciente poder de seducção, prendel-o, a ponto que, por vezes, Juca se julgava victima de feitiçaria ou mandingas e benzia-se com a canhota, dizendo:

— Arre! nunca pensei que existisse semelhante cousa!

Tudo em Dictinha parecia feito para encantal-o: até o modo simples de repulsa honesta com que recebia as suas exigências de namorado contribuía para mais o enfeitiçar. Desde o moreno da sua physionomia buliçosa, com uma viva expressão bregeira nos olhos negros e rasgados, até os seus pézinhos mimosos, sempre calçados em chinelinhas de couro, desde o seu sorriso velado de ternura, a mostrar os dentes, uma clara enfiada de perolas, até o seu collo de pomba, a estremecer sob o cabeção de rendas da camisa, tudo em Dictinha parecia feito para realizar o seu ideal de sertanejo ao imaginar a mulher amada.

Depois daquella tarde de agosto em que elles trocaram um cumprimento tão contrafeito, quanto havia progredido num e noutro o amor que os tomara desde a primeira vez que se viram!

Mas, agora, era força decidir.

Juca pedira um mês de prazo para ir até Villa Bella ultimar uns negócios e voltar.

Mas, seria possível que elle deixasse tudo aquillo?

E á sua idéa esse dilemma se traçava trágico e irresolúvel, como a pergunta da Esphinge:

ou abandonar de vez aquella terra, que representava toda a sua felicidade no passado, ou renunciar áquella mulher, que era condição de sua felicidade futura.

Que deveria fazer? Ir? Mas era doloroso deixar a sua terra, aquella gente conhecida, aquellos lugares onde tudo lhe era carinho e recordação feliz, desde as pedras das estradas até as porteiras das fazendas, desde a linha sinuosa dos morros até as baixadas dos córregos, a fluir, numa endeixa triste, entre os seixos crystalinos...

Ficar? Mas, como, si aquillo iria parecer-lhe vasio, deserto, aborrecido, desde a hora em que já não a visse e lhe não pudesse mais falar? Naquella luta intima, Juca Duarte se debatia, hesitava, oscillava, no terreiro da fazenda, vendo a tarde cahir, á espera que surgisse a lua a fim ele seguir para Villa-Bella.

V

Na velha cidade colonial Juca demorou-se mais que o prazo que lhe fôra concedido pela Dictinha.

Os negócios fôram o motivo aparente com que elle a si próprio se illudia para demorar

a partida de mais alguns dias. A decadente cidade avivou-lhe mais o sentimento nativo, o affecto que o vinculava a cada cousa ou pessoa, a cada incidente mínimo da vida local, ás pequenas modalidades topographicas ou meteorológicas, ao aspecto geral da terra e da gente, a tudo, emfim, que constituía, a feição inconfundível daquella zona. Terra Morta, Cidade do Passado, domínio mysterioso da Lenda — aquelle burgo abandonado, cheio de gloriosas tradições de fausto e de esplendor, quando, no século XVIII, era o centro da vida da Capitania, a sua presença veio evocar na alma daquelle sertanejo inculto e affectivo todo o sentimento de carinho que despertam os lugares a que anda ligada a lembrança dos velhos tempos quasi esquecidos pela frivolidade dos contemporâneos.

E ao percorrer, sozinho, aquellas ruas tristes e desertas, de onde parecia exhalar-se um bafio desolador de ruína e decadência, ao rever aquellas antigas construcções, de algumas das quaes só restavam os alicerces de pedra, as certidões, como na sua linguagem expressiva os chamam os caipiras, mostrando a ossatura dos esteios de aroeira, Juca sentiu-se

mais do que nunca ligado áquellas ruínas, preso áquella grande tapéra abandonada. Passando por aquellas praças desertas, que o matto invadia, reconquistando os seus direitos na terra que o homem ingrato abandonara, olhando aquelles enormes edificios — o faustoso Palácio dos Capitães-Generaes, a igreja da SS. Trindade e a de S. Antonio, o velho e magestoso cões sobre o Guaporé, o caboclo se não dispunha ao regresso promettido, reconhecendo, no intimo, o pulsar de uma fibra occulta do seu organismo que reagia violentamente contra, o sacrificio que se lhe impunha...

Partir era para elle renunciar áquelles lugares abençoados na sua ternura de sentimental, abandonar aquella terra em que cada espigão de morro ou curva de rio, cada effeito de luar ou reflexo de sol, cada paisagem radiosa de verão ou horizonte ennevoado de inverno, se achavam ligados a uma emoção ou a uma vaga reminiscência do seu passado.

E Dictinha exigia aquillo, para possuil-a era preciso aquella renuncia, aquella abnegação suprema... Era com o abandono daquillo tudo que elle havia de comprar a felicidade, representada pelo amor daquella morena formosa! Foi então que, afinal, na sua alma rude

e simples, após a mais tremenda das lutas, triumphou, sobre o amor á Dictinha, o amor irresistível á sua terra.

Não iria. A estas horas já ella deveria ter partido. Era melhor assim... Parecia-lhe cada vez mais impossivel aquelle abandono. Entre a trágica alternativa duma felicidade longe dali e duma vida tediosa, cheia do arrependimento de não a ter sabido aproveitar, mas ali, naquella terra que era tudo para elle — tradição, affecto e saudade — Juca preferiu a derradeira solução, embora com isso se lhe despedaçasse o coração apaixonado... Não iria. E na tarde lânguida que morria, vendo o sol descambar por trás do crivo da serra, Juca Duarte, sentado á porta do seu rancho de sapé, sentiu uma vontade desesperada chorar. Nesse instante Dictinha já deveria ter regressado para Cuyabá ... E elle a perdera para sempre, renunciara para sempre á sua posse e ao seu amor!

Uma infinita tristeza de desamparado subiu-lhe d'alma ... Ella partira, como os outros que iam abandonando aquella terra, indifferentes ou esperançosos numa vida melhor. Poucos iam-se deixando ficar naquella ruinaria que a decadência lenta ia avassalando.

Porque, então, não fôra elle também? Quem sabe si não renunciara a uma vida prospera e feliz ao lado da mulher amada, numa terra melhor e de maiores felicidades? Mas, de novo, uma reacção poderosa lhe veio ao espírito perturbado de tanta luta, a revolta, talvez, do seu sangue sertanejo, tão ligado áquella terra como, a seiva daquellas arvores seculares que ninguém pensa em transplantar, sob pena de as fazer perecer... Assim era elle ... Sentia-se incapaz de viver em outra parte, onde não visse aquellas paisagens tão amigas dos seus olhos e não escutasse aquellas vozes tão familiares aos seus ouvidos... Ficaria...

Só o imaginar o que seria a partida, o abandono definitivo e extremo, baniiu-lhe da mente os últimos desejos de partir. Longe, elle não se esqueceria do que ia deixar e, assim, para que partir, si nem o amor de Dictinha o faria feliz? Ha outras, pensou, ha muitas Dictinhas no mundo... Mas, de chofre, a evocação lhe desdenhou, viva e perfeita, a morena gentil que o apaixonara... Como aquella, nenhuma! E elle a pêrdera, e ella nunca poderia ser sua, — outro mais feliz, quem sabe? gosaria os seus carinhos e os seus encantos...

Mas antes assim. Elle é que não abandonaria a sua terra, não seria ingrato como tantos outros! E um choro forte, cortado de soluços, estrangulou-se-lhe na garganta... Sentia-se fraco, vencido, esmagado pela renuncia do seu amor.

Então, como para confortal-o, a natureza compassiva começou a abrir sobre a sua cabeça a doçura e a calma das grandes noites estrelladas do sertão... A sombra, como uma mancha enorme, foi envolvendo a cidade silenciosa. Casas em ruína, palácio, egrejas, praças desertas, tudo foi entrando na paz e no recolhimento do crepúsculo, diluindo-se nas tintas apagadas do poente... As águas do Guaporé scintillaram aos primeiros raios da lua cheia que, radiosa e doce, como uma bençãam do alto, clareou aos poucos toda a paisagem, illuminando de antigos fulgores aquelle phantasma de grandezas extinctas, aquellas ruínas dolorosas de um Passado morto...

Tia Carola

A Lamartine F. Mendes

TIA CAROLA

Tia Carolina, Carola na intimidade, era, quando a conheci, uma mulher de seus 38 annos, alta, magra, de physionomia meiga e contemplativa. Tinha os braços muito longos, o collo descarnado, a cintura fina, as mãos esguias, de dedos afuselados de fidalga, todos marcados de signaesinhos de agulha.

Não sei porquê sempre que a via, no seu modo muito particular de olhar e de sorrir, nos seus característicos tregeitos só della, eu lembrava a expressão intelligente e viva de certos roedores e achava um chiste irresistível a idéa dessa comparação mental. Falava muito e depressa, gesticulando, piscando os olhos, mexendo-se, torta cheia de tiques, como si falasse por todo o corpo.

Diziam que em moça fôra bonita, os que a conheceram no florir da juventude...

Os seus traços eram distintos, ainda que sem beleza.

Esbelta e de movimentos nervosos, possuía um poderoso atractivo — a sua conversa viva e interessante, cheia de piadas e apropositos que encantavam.

Andava sempre a falar dos serviços domésticos, da escassez do tempo, a queixar-se, com saudade, da falta que faziam os escravos que poupavam á gente o enorme trabalho de ter de cuidar nos arranjos caseiros. Morava só com uma crioulinha, filha de uma velha escrava que por dedicação a acompanhara mesmo depois do 13 de Maio e, ao morrer, lhe deixara aquella menina.

Tia Carola, e Mariazinha compreendiam-se admiravelmente. A crioula, trêfega e buliçosa, beirando os seus 15 annos, era de bom gênio, muito afeiçãoada á Senhora, serviçal e boa.

A convivência com a patroa fizera-lhe adquirir, com o tempo, todos os seus modos e cacoetes e creara na sua pessoa uma outra edição, ainda que menor e em brochura, da tia Carola, a tal ponto se lhes assemelhavam os gênios e as maneiras.

Tia Carola não se tendo casado até essa idade fazia suppôr a toda a gente, menos a ella talvez, que se não casaria mais.

Dahi o chamarem-na todos-amigos e conhecidos pelo nome de tia Carola, prefixo com que a bôa Senhora solemnemente implicava, pois não deixava de perceber o anathema que envolvia, condenando-a a ser tia de todos, designação essa pejorativa. nos meios provincianos.

Aquella casa em que morava era própria e, além dessa, possuia outra no aluguel, que lhe proporcionava os meios de subsistência.

Vivia sem luxo, mas decentemente e a sua. installação modesta, mas bem cuidada, faria inveja muita gente rica, que não sabe utilizar-se de seus haveres.

Tia Carola era fundamentalmente, organicamente séria. Não se lhe apontava, nem nos tempos da garrida mocidade, a menor leviandade e a maledicência própria do lugar pequeno em que vivia jamais lhe encontrara brecha na reputação de moça discreta.

Diziam apenas que ella ainda alentava esperanças de casamento, apesar de já abei-

rar-se da calma enseada dos quarenta, que deviam matar-lhe as derradeiras illusões amorosas.

Em moça, nunca fôra namorada, antes, sim, recatada e de muito juízo, chegando a recusar mais de uma proposta de casamento, por lhe não ver vantagens.

Vira casar, uma por uma, as irmans e as amigas e nascerem os sobrinhos, crescerem e fazerem-se rapazes e moçoilas. Destas, algumas já lhe chegavam pelos ombros, moças feitas, o que era, para Tia Carolina, motivo de secreta e mal dissimulada tristeza, vendo que, dentro em pouco, chegaria a vez dellas, enquanto a sua tardava tanto, fazendo-a esperar indefinidamente... Os sobrinhos, moços de seus 15 a 20 annos, já lhe não tomavam a benção, fumavam em sua presença, viviam a discutir *foot-bal!* e namoricos, com grande escândalo da recatada Senhora, que admirava a desenvoltura da gente de agora, tão differente das maneiras d'antanho... Alguns se atreviam a fazel-a confidente dos seus amores á moderna, com entrevistas no portão, troca de cartas, encontros em convescotes, e bailes onde se dançava o *charleston*: ella ouvia, num vago sorriso de complacência, não

se atrevendo a reprehendel-os, mas intimamente vexada daquellas liberdades.

Duma feita, sorprehendera uma das sobrinhas, a Lôla, — menina ultra-actualisada, de fina educação americana, que usava *rouge* e saias pelos joelhos, — numa entrevista romanesca, no jardim do seu cunhado o Major Dinis e o doce colloquio idyllico em que os namorados se embeveciam, esquecidos de tudo, deixou-a presa de esquisita emoção, a ella que jamais tivera, nos seus dias de moça, semelhantes aventuras.

Na sua casinha, via correrem, numa serenidade de água de ribeirão, sem escachoar vehemente nem ruídos, os seus dias solitários. Sahia muito, entretendo as velhas relações de família, passando sempre fora os domingos, ora com uma das irmans, ora com outra, ora em casa das antigas amizades, constituindo as suas periódicas visitas um verdadeiro habito ou tradição familiar.

Pouco dada á leitura, porque fosse essa a sua índole, aggravada pela educação um tanto descuidada que tivera, raramente lia um ou outro romance, de Escrich ou Ponson, quando lh'o gabavam muito, e os seus lazeres do ser-

viço quotidiano empregava-os em fazer *crochet*, crivo e ponto de marca, trabalhos em que sempre fôra, muito hábil.

Até nisso se individualizara a sua feição moral, em tudo diversa das irmãs e o seu gênio todo feito de paciência, sossego e perseverança: de passo que a mais velha, uma morena forte, de grandes olhos negros e langorosos, se entregara com ardor ao estudo do piano, affirmando o seu temperamento de artista, a segunda, delicada e franzina, muito meiga e quieta, se mostrava muito amiga de rezas e novenas e a terceira, gorducha, insinuante, de gestos bregeiros de garota, vivia a ler obras francesas e a namoriscar os rapazes da vizinhança, Carola, em tudo diferente das demais, levava os dias a fazer os seus delicados trabalhos de agulha, nos quaes punha toda a sua alma cheia de extranhas é incomprehendidas ternuras.

Ás vezes, reflectindo, a sos, na desigualdade da sorte e no destino que lhe coubera, Carolina sentia uma, indefinida amargura, como a ele alguém que se visse trahida, abandonada pelas pessoas que mais deviam estimal-a e que se deram pressa em deixa-a para seguirem o primeiro

desconhecido que lhe falara de amor...

E sentia-se envelhecer sozinha, num abandono ingrato, emquanto as irmãs e amigas, se iam casando, vivendo entre as alegrias do lar, no doce aconchego dos maridos e dos filhos...

Mas Tia Carola que, no intimo, não saberia revoltar-se nem odiar, procurava consolar-se pensando que si tivesse casado poderia ter sido infeliz, encontrado um mau marido que lhe esbanjasse o dinheiro e, ainda por cima, a maltratasse.

Assim fôra melhor, talvez... Deus escreve direito por linhas tortas... E dahi quem, sabe... E vagas, imponderáveis, esvoaçavam-lhe no mais fundo da consciência, as ultimas, leves esperanças matrimoniaes.

Fôra feliz, ainda assim: vivia só, é verdade, mas tinha todo o conforto, toda a liberdade, tinha um bôa criadinha e, afinal, bastava-lhe aquella independência de não precisar de ninguém, de ter do seu o bastante para passar, sem ter que incomodar aos outros...

De resto, as pequenas alegrias do lar, ella as sentia, como um reflexo dos lares alheios, nos dias em que ia passar com as irmãs,

ou amigas casadas, e a sua alma simples e comunicativa se expandia, sem reservas, entre a algazarra das crianças e as boas palestras familiares.

Tia Carola era singela, sem ambições, e e do pouco que possuía ainda lhe sobrava sempre com que fazer alguma caridade, gozando mesmo da fama de esmolér.

Tinha os seus “freguezes” certos d’esmola que, em dias determinados, lhe vinham bater á porta e para a sua alma de criança velha, que a vida não conseguira endurecer, era um sincero prazer esperar os “seus pobres” ...

Sorria quando, á mesa do almoço ou, á sesta, no seu quarto, toda entregue ao *crochet*, ouvia gritar da porta da rua a voz fanhosa do mendigo das 3^{as} feiras ou resoar, no assoalho do corredor, as muletas do pobre dos sabbados...

Mandava Mariazinha levar-lhes dinheiro ou mantimento, e, ás vezes, vinha até a porta do meio conversar com elles, affavelmente, a ouvir-lhes as queixas de doenças e misérias, aconselhando-lhes, num tom de materna solicitude, remédios e resignação.

Sem ser fanática, era, todavia, religiosa convicta e não deixava, de ouvir a sua missa domingueira e, ás sextas, a do Bom Jesus e confessar-se com o velho cura, que, ha 25 annos ou mais, lhe ou via periodicamente a narração dos peccadilhos de moça, exagerados pelos seus piedosos escrúpulos...

Que de intimas observações psychologicas acerca daquela creatura não despertariam as suas confidencias, através da grade do confissionario, na penumbra discreta da velha capellinha do bairro!

Tempos risonhos de moça, quasi menina., em que os seus graves peccados eram olhares lançados, a furto, a um rapaz que a cortejava ao entrar na igreja ou meias palavras dictas num intervallo de dança, a revelar os seus vagos anseios de rola tímida e cheia de meiguices ineffaveis... Tempos felizes dos vinte annos quando, já mulher feita, nas linhas do corpo que se accentuavam e na expressão do rosto que se ia affirmando, ella, acanhada e tímida, envergonhava-se de pequenas faltas involuntárias e que lhe pareciam medonhos delictos inconfessáveis á sua mente escrupulosa, buscando, eufhemismos delicados com

que os disfarçasse... Tempos melancólicos do começo da decadência, vendo lentamente fanar-se a rosa de sua mocidade, sem o orvalho dos carinhos sonhados, tempos de agora em que ella apenas, reconstruindo mentalmente a sua vida, evocava leves culpas veniaes, irritações sopitadas, cousas de intimidade caseira; peccadilhos que o bondoso cura já deveria saber decór á força de ouvil-os invariavelmente os mesmos...

Tia Carola ainda se não desprendera de todo da idéa de casar... Diziam as más línguas que o seu habito de vir postar-se á janella invariavelmente todas aos tardes, após o jantar, tinha a sua explicação nessa esperança que ainda vislumbrava os derradeiros clarões no seu espírito... E accrescentavam, sorrindo, as meninas do bairro, que ella vinha toda a tarde esperar o namorado imaginário — mas bem se vê a maligna perversidade de taes commentarios, pois é fácil explicar-se aquella sua

permanencia á janella como a força de um habito radicado ou porque, não tendo absolutamente o que fazer áquella hora, era mais natural que viesse á janella, ver o movimento e distrahir-se, que metter-se dentro de casa, sozinha, até a noite... A perfeita paridade

de costumes estabelecida pelo longo convívio fazia que ambas, Senhora e criada, se equiparassem naquillo que os maledicentes chamavam a pesca improductiva — de passo que Tia Carola se punha á janella, Mariazinha vinha sentar-se ao batente da porta da rua e assim quedavam-se, largo tempo, trocando por vezes alguns comentários triviaes acerca de factos do dia e pessoas que passavam ou de projectos para o dia seguinte.

Hora certa, entravam as duas. Tia Carola ia para a varanda, Mariazinha accendia o lampeão de centro de mesa e continuavam a palestra, intervallada de largos hiatos de silencio, emquanto o matte fervia. na cozinha e a casa toda., mergulhada na escuridão e no silencio, parecia deserta ou immersa num profundo lethargo.

Tomado o matte — ás nove horas precisamente — Mariazinha revistava as portas e ferrolhos, Tia Carola recolhia o gato, seu velho companheiro, e dirigiam-se ambas para a alcova onde dormiam — Tia Carola na sua velha cama de cedro patriarchal, e Mariazinha na sua rede lavrada, que embalava até altas horas, ouvindo-se-lhe o monótono ranger nos ésses, durante as longas noites estivaes...

Às vezes, a rapariga accordava, fóra de horas, como seu acesso de asthma e despertava Tia Carola, que, solícita, lhe preparava uma tisana que tinha o dom de abrandar-lhe o mal.

Nessas ocasiões era muito commum a boa Senhora perder o somno e para distrahir-se procurava conversar com a crioula, mas esta, em melhorando, entrava logo ele resomnar alto, deixando sem resposta as suas perguntas, com os braços fora da rêde, a bôca aberta, respirando forte, numa posição estatelada que infundia inconsciente pavor a Tia Carola.

— Credo! Cruz! Por que é você fica assim quando dorme, rapariga? perguntava-lhe sempre de manhan.

— Sei lá, tia Carola. Eu não sei como é que fico... Depois que durmo não sinto mais nada.

Tia Carola sorria da estúpida boçalidade da criadinha e mudava de assumpto. Às vezes, nas noites muito calmosas, Tia Carola abria a janella que dava para o terreiro, para entrar um pouco de viração.

E ficava horas e horas insomne, a pensar na sua vida passada, nos partidos que engeitara,

nos seus amores antigos, uma infinidade de idéas e lembranças a dançarem, como polichinelos, na sua pobre cabecinha de mulher... Manifestara sempre uma grande affeição sentimental ás crianças, sentava-as ao collo, fazia-lhes mimos, dizia-lhes gracinhas e abraçava-as, dando-lhes palmadinhas e beijocas por todo o corpo.

Depois, sentada á rede, fazia-as dormir, ao embalo suave e lento. Cantava-lhes alguma antiga modinha como “Morena dos olhos negros” “Quando o meu peito não gemer mais nunca” ou toadas de valsas do seu tempo de baile “Danúbio azul” ou “Sobre as ondas” ou, mesmo cantigas singelas e espontâneas do *folklore* popular, como esta:

João Curutú
sahe detras da porta,
vem papar nêê
que não quer dormir,

ou, então:

Dorme, dorme, meu filhinho,
dorme, dorme, p’ra crescer,
que o Brasil precisa filhos
para a pátria defender...

Tia Carola era hábil doceira, especialista em todos os deliciosos preparos da confeitaria brasileira, desde as queijadinhas succulentas, amarellas, cor de gemma de ovos, até as broas, mães-bentas, babas de moça, pudins de côco e o delicioso bolo de arroz, de que tinha uma receita que e não fornecia a ninguém, uma espécie de segredo de estado da sua arte de boleira... Cuidava do seu jardim bem tratado, cheio de roseiras de varias espécies, a rosa *palmeirão*, a rosa Príncipe Negro-heraldica e distinta-a rosa-chá, a rosa Amélia, a rosa menina-miudinha e mimosa-e muitas outras variedades...

Levantava-se cedo e depois de tomar o seu guaraná descia os degraus de canga que davam para o terreiro, onde ficava longo trato de tempo a lidar com as plantas, regador em punho, ora desbastando as folhas sêccas de uma roseira, ora matando as “*tinhanheiras*” que andavam a devastar um pé de cravo, ora fazendo cuidadosamente um ramallete de verbenas e cravinas para collocar na jarra da commoda, ao pé do oratório.

Ordeira até o exagero, assejada até o excesso, possuía todas as qualidades de velha raça,

apuradas pelo traquejo a que se vira obrigada desde que passara a viver sozinha.

Assim vivia Tia Carola até que, um dia, um grande desastre lhe turvou a serenidade da vida. Mariázinha, que andava ha tempos de forte derriço com um official de pedreiro, sem que ella, que se dizia suspicaz e prevenida, desconfiasse de nada, abalou de casa, um domingo, para os braços do constructor. Nem um aviso, nem um bilhete, nada.

Não era, positivamente, um episodio romântico aquelle...

A vida é tão differente dos romances, pensou Carolina.

Dias após veio Mariazinha, com o Valério, chorosa e humilde, pedir perdão. O primeiro ímpeto, da boa Senhora foi enxotal-a, com impropérios; recebeu-a, porem, ou, antes, recebeu-os e deu-lhes conselhos maternas e uma nota de cinco á sahida. Que fazer, si era assim o seu coração, incapaz de rancores ou sentimentos fortes?

A rapariga voltou depois de uma semana, c levou os seus trens, prevenindo que ia morar num bairro distante, no Bahu, mas que não se esqueceria della, dizendo até que o Valério

desejava que ella fosse a Madrinha do primeiro filho que tivessem. Tia Carola commoveu-se até as lagrimas diante daquela declaração e pediu a rapariga que não deixasse, sempre de vir vel-a... Insistiu, ao depois, para que os dois se casassem e, tendo conseguido essa victoria, a despeito de certa opposição do Valério, viu-se tão contente como si tivesse feito a felicidade de uma filha.

Nesse dia, ao regressar para a sua casinha, sentiu-se só, inteiramente solitária, já no declive melancólico da velhice tristonha e não pode conter-se que não deixasse deslizar pelo rosto uma lagrima, lenta, longa e silenciosa:

Até aquella... Até a Mariazinha... Só eu é que não pude ser feliz!

História de uma tapera

A Allyrio de
Figueiredo

Historia de uma tapera

Tínhamos acabado de armar as redes nos grosseiros esteios do rancho quando o camarada entrou com as canecas de chá de *douradinha* «p'ra aquecer o frio» e enquanto sorvíamos, a pequenos goles, a saborosa e aromática infusão sertaneja.. João Paulo, pondo-se de cócoras a um canto do casebre, disse, ao tempo em que ia cortando o *macaia* e esfiando-o nas mãos callosas:

— «Patrãozinho, este lugar aqui *dizque* é assombrado. *Vancês* pensam que isto foi sempre assim? Aqui já houve morador, foi sitioca adiantada, com bôa plantação e engenho d'água, mas o destino — até os lugares têm seu destino — fez virar tudo nessa tapera que estão vendo».

Estimulada a nossa curiosidade por esse sugestivo preâmbulo, em que já antevíamos interessante narrativa, pedimos ao velho arrieiro

nos contasse o romance daquelle sito onde, á mercê do itinerário, viéramos fazer pouso naquella noite fria de julho. E estirando-nos na rede, envoltos nos ponches, cigarros caipiras ao canto da bôca, ficamos a ouvir a historia daquelle tapera.

«Quando o Simão veio situar-se aqui já era homem madurão, de seus quarenta e pico é bastante sovado pela vida.

Casado com uma morena forte e sacudida, a Lianor, aqui nasceu a única filha que tiveram, uma rapariguinha linda, muito clara, que por isso tomou o nome de Branca.

Era a benção de Deus para aquelle pobre casal.

No dia em que ella nasceu, o pae plantou perto da casinha de pau a pique e barrote uma roseira de rosas brancas que trouxera de muda da cidade.

A planta ficou sendo a marca da idade da menina. Si mais tarde lhe perguntavam pelos annos, Branca respondia, risonha: « — Eu tenho a idade daquelle roseira.

Papae trouxe a muda que lhe deu o padre vigário e plantou ali no dia em que nasci.

A muda pegou, cresceu junto commigo. No dia em que me baptizaram ella deu a primeira

flor, uma grande rosa, toda branca, como feita de leite, e de um cheiro tão delicado que parecia vinda do céu, do jardim e de um cheiro tão,: Nosso Senhor. E depois disso tem dado muitas rosas, quasi tantas como os dias que tenho de vida...»

E Branca ia crescendo, em tamanho e boniteza, como a roseira de rosas brancas do terreiro...

Um dia — dia negro de amargura — a mãe de Branca morreu.

Uma pneumonia a levou, dizem que de ter sahido ao relento da madrugada, sem agasalho, para acudir um bezerrinho que estava atolado no brejal. Sei lá! Desculpas da morte... Era mocetona, robusta, bonita: sete dias depois de cahir doente, sahia carregada numa rede para ser enterrada.

Na hora da despedida, Branca, louca de dor, cobriu o corpo, da cabeça aos pés, de rosas brancas, das suas rosas, que nesse dia pareciam mais viçosas e frescas do que nunca!

As flores também têm alma, patrão, oh! si não têm e, ás vezes, mais ainda do que a gente...

A dor daquelle golpe amorteceu com o tempo, e Branca, já mocinha, beirando ahi pelos seus quatorze, começou a tomar conta da casa.

O pae passava o dia na roça e com a morte da companheira ficou macambusio e casmurro, sendo agora a sua única alegria conversar com a menina, sentado á porta do rancho, quando voltava do serviço.

A pobrezinha — essa tinha uma vida, bem aborrecida. Levava o dia trabalhando, sozinha, e para disfarçar as suas tristezas cantava modinhas, todas tristes como sua vida solitária... Por distracção tinha somente ir, aos domingos, ao povôado, ouvir missa e visitar a sepultura da morta.

De raro, em raro, um viajante por ahi passava e dava uma «prosinha» com a moça. Mas isso mesmo era bem *vasqueiro*, pois a casa de Simão ficava num cotovello fora da estrada.

Parece que assim, longe do mundo, a desgraça não lhe acertaria a porta. Pois sim... Mais depressa veio a intrusa que em toda parte se intromette e até daquillo com que se procura fugir della tira armas para seu proveito.

Sucedeu passar, certa vez, por ali o Julianinho, filho de um fazendeiro dos arredores, moço rico, de boas roupas e melhores falas, muito bem apessoado, estudante que andava, nas férias, a esbanjar os cobres do velho em passeios e estroinices...

Vai dahi, vendo o malvado aquella creatura simples e pura como as águas da serra, achou, no seu coração cheio de ruindade, que era uma caça mais fácil e melhor do que as que vivia buscando pelo matto.

Para que contar a *vancês* a historia, sempre a mesma desde que o mundo é mundo, e ha corações que confiam e gente sem escrúpulos e *abusadeira*?

Branca embellezou-se pelo rapaz, gostou delle, das suas palavras tão cheias de seducção e agrados e entregou-se áquelle homem de corpo e alma, como se quer uma só vez na vida...

Foi ao pé da roseira de rosas brancas que juraram um ao outro um querer bem para sempre...

Julianinho passou a amiudar as suas visitas, sempre á hora em que Simão estava na roça...

E assim correram algumas semanas em que Branca viveu na loucura daquella paixão, que era para a coitada a vida que ella sonhava, a vida que antes nunca tinha conhecido.

Mas Julianinho tinha de voltar para os estudos. As férias iam terminar. E elle partiu, jurando antes que voltaria para casar com ella. As chuvas acabaram, as enxumas floresceram, de novo vieram as águas e elle não voltou... Não voltou e meses e meses correram sem uma noticia.

Branca percebeu que tinha sido illudida, mas, no seu coração de pomba, achou ainda com que desculpar o ingrato, Quem sabe lá — pensava — ninguém pode prover uma doença, uns exames demorados, emfim, tanta cousa que vem sem a gente esperar...

E, no intimo, ainda buscava um fio de esperança a que se pudesse apegar. O mundo dá tantas voltas, mas o que tem ele ser traz força — dizia para animar-se, nas horas tristes.

O seu temperamento foi se modificando, e já não era a mesma dos outros tempos. Descurava de si e da casa, não cantava mais as suas modinhas, funda tristeza lhe ia roendo o cerne da vida...

Simão, preocupado com o serviço da lavoura — era tempo da colheita — não dava fé dá mudança da filha, que também, perto d'elle, disfarçava seus sentimentos e procurava parecer sempre a mesma para não incommodar o pobre velho.

Isso foi assim até que um dia a moça, cahiu, de cama: eram dores no peito e nas costas, mal estar, como de febre, uma tosse seca todas as noites.

E vai o pae de tratá-la com mezinhas, chaladas, remédios caseiros. Nada de melhorar... A tosse, antes, augmentava, em accessos fortes que, algumas vezes, acabavam por avermelhar a bôca de um sangue vivo e espumoso.

Chamou Simão uma “comadre” entendida em moléstias e está veio, com filhos, nettos e mais parentalha, e installou-se no sitio por dois, três, quatro meses, a tratar de Branca, sem resultado.

E despesas sem conta, viagens de seguida á cidade, um *disparate* de gente para comer e gastar a rodo, e o serviço á matroca, e a menina a peorar numa toada.

A febre vinha todas as tardes, alta, pondo duas manchas cor de sangue no meio das rosas brancas do seu rosto.

E eram agora umas aflições esquisitas, uma falta de ar, uma cousa horrível...

Nesse geito correram cinco meses, cinco séculos de agonia para Simão, que via naquelle vive-morre da filha a maior tortura que se póde imaginar...

Uma tarde, estava já vai-não-vai para escurecer, a “comadre” que entrava no quarto da doente com o prato de sururuca, gritou pelo Simão:

— Acode, Simão, que sua filha está morrendo!

Numa ânsia louca, o pobre entrou no quarto. Branca, muito branca ao fundo dos lençoes alvos, estendia as mãos para a janella do oitão que abria para o terreiro, dizendo numa voz já muito no fundo: «As rosas... as minhas rosas... Mande para elle... um ramo das minhas rosas...»

Um vento forte passava, uivando, no entrar da noite — uma noite negra de chuvarada. A “comadre” pôs nas mãos de Branca a vela benta e o crucifixo dos agonizantes...”

João Paulo entreparara. Sentia-se que um temporal lhe devastava a alma. E no fundo silencio do rancho, que só perturbavam as *polacas* batendo lá fora, o velho arrieiro concluiu

a sua historia: — «No outro dia, mal clareou, Simão que tinha passado a noite velando, sahiu para o terreiro. O temporal tinha passado, mas fizera a maior devastação... A roseira de Branca fôra arrancada pela violência da enxurrada, tendo sido encontrada, no alambrado, perto da porteira do córrego. Nem uma flor sequer para desfolhar sobre o seu cadáver! Mas — justiça de Deus! não foi possível cumprir o seu ultimo pedido. Também um tamanho absurdo de amor... só mesmo um coração como aquelle!»

João Paulo calou-se de novo.

— E o Simão, — perguntei, ao cabo de alguns segundos de dolorosa expectativa.

— « O sitio foi abandonado. A “comadre” levou o que pôde em paga dos seus serviços. O gadinho que havia criou bérne, extraviou-se por esses cerrados... A roça, esse anno, não deu um pé de milho. E, com pouco, o “picão” e o “são-Caetano” invadiram até o terreiro da casa. O sitio foi virando tapera e hoje é isso que vancês vêm...”

— E o Simão, insistiu um da roda, vendo que o camarada se esquivava á questão.

— “Sei lá! Si vive... anda por ahi, por esse mundão de Deus...”

Calamo-nos...

João Paulo levantou-se para avivar o fogo, onde, sobre a tripeça rústica, se cozinhava lentamente, a feijoada para o dia seguinte.

Um raio frouxo de lua, ainda na mingunte, entrou pelo tecto do rancho...

E ninguém mais ousou interrogar o pobre velho...

A Magia do lunar

A Palmyro Pimenta

A magia do lunar

Emilio debruçou-se á janella que se abria para a ladeira e ficou largo tempo a pensar, como enlevado num grande sonho delicioso. Tudo em torno, calado e recolhido, parecia condizer com aquella attitude indolente de scisma e a melancolia da noite despertava profundas evocações sentimentaes. Quem não conhece essa emoção indefinida que nos vem quando nos sentimos absolutamente a sós, em face da natureza, por uma noite de lua, clara, silente e misteriosa? São assim as noites do sertão, onde a vida e o bulício humano parecem acabar com as luzes que se apagam nas ultimas casas retardatárias. Aquillo não era propriamente o que se póde dizer sertão, que muito mais bravio e inculto elle já tinha perlustrado bastas vezes, nas viagens a que o seu espírito curioso e observador o levava.

Mas para quem como elle já convivera largo tempo no meio intenso e agitado das grandes cidades cosmopolitas, aquella sossegada capital de remota província, aonde ainda a civilização não fizera chegar os seus aspectos de progresso, era bem como que um sertão onde a existência lhe ia correndo monótona e tranquillada como o rio sereno, de água mansa, que passava pelo porto da cidade. Da sua vida de outrora, cheia de grandes desejos e immensas decepções, Emilio conservava apenas uma vaga saudade, um tanto enternecida, que despertava, ás vezes, do fundo sentimental da sua alma.

No fundo, parecia-lhe ser aquillo o que elle sempre desejara e por isso se considerava feliz. A vida calma do interior, de que se desabitudara, começava a penetrar-o de novo, insinuando-lhe os seus pequenos encantos e secretos amavios, absorvendo-lhe, aos poucos, as energias, como um affecto esquecido que retorna.

Afinal, aquella vida não era tão ruim, qual lhe parecera a começo. Viera para ali havia três annos e já se sentia aclimado, como uma boa planta que houvesse encontrado terreno favorável.

Tudo entrava, a correr-lhe bem e removidas as primeiras difficuldades, a sua vida se lhe afigurava agora calma e cheia de uma relativa felicidade. Não se casaria, ou por emquanto, ao menos, não pensaria nisso. Queria gozar por algum tempo a sua liberdade de rapaz rico, a que a fortuna sorrirá desde os primeiros annos.

Havia muitas meninas bonitas na terra que, de resto, fôra sempre fértil nesse gênero e Emilio, desde o dia da sua chegada, se sentira ameaçado, assediado pelo perigoso bloqueio dos olhares femininos convergindo para a sua attrahente figura. Mas ia contempORIZANDO com o grave problema, costumando dizer, nas rodas intimas, que a única aspiração que mantinha era que as pequenas o deixassem solteiro ate os trinta annos.

Vivera com um amigo durante os primeiros tempos, depois, para ficar mais livre, alugara aquella casinha onde residia só, tendo um empregado que passava o dia e lhe trazia a comida da casa da família que lh'a fornecia. Escolhera de preferênciA aquella casa pequena e modesta, pintada de fresco, alegre com as suas cores claras e jardimzinho ao centro, naquelle bairro afastado, condizendo

bem com os sérios projectos de estudos que acalentava.

Mas já ali estava ha mais de um anno e o tempo se lhe escoara rápido em passeios a cavallo com amigos, pescarias, convescotes e caçadas, algumas visitas de cerimonia, em poucos bailes e o resto em leituras e divagações literárias sem que se animasse, de vez, a atacar de frente os trabalhos e estudos em perspectiva. E debruçado á janella, Emilio reconstruía a sua vida desses últimos meses, vazia, sem uma preocupação séria e, entretanto, deliciosa de uma enervante sensação de indolência e despreoccupada ventura.

Mas seria aquillo a vida ideal que elle sonhara desde os seus tempos de estudante, vida apagada, sem brilho, como um areal monótono em que nem o prazer nem a dor deixam os seus sulcos indeléveis?

Assim pensando, sentia-se tomado de um vago fluido de lânguido sentimentalismo, a fitar a paisagem silenciosa de arvores e quintalejos esbatidos na sombra nocturna. Absorto e melancólico, nem elle sentira apparecer o luar. Recostara-se ali ao escurecer e só notou que era noite quando viu passar o empregado

da iluminação publica accendendo os lampeões.

Viera-lhe daquillo uma, evocação das tardes antigas de criança, quando se divertia em vir para a janella, áquella hora suave do crepúsculo, ver passar o accendedor dos lampeões com a sua escadinha ao ombro e os demais apetrechos do officio e ficava largo tempo entretido a vel-o, achando naquelle passatempo infantil a mais encantadora diversão.

Aquella lembrança levou-o para outra reminiscência — esta pessoal — da sua boa tia que o acompanhava todas as tardes nesse divertimento, compartilhando da sua ingênua alegria, fazendo-se criança para sentir com elle.

Ah! a boa alma dos parentes antigos que enchem de uma immensa saudade todas as scenas apagadas da infância!

Levado naquella onda de recordações nem notara, o luar — um lindo o claro luar de verão que invadira a ladeira, a rua, a sala, da sua luz serena e evocativa. É preciso ter conhecido o encanto ineffavel e mysterioso das noites de luar no sertão, quando tudo se cala e parece mergulhar-se num grande somno tranquillo, e uma infinita doçura se evola das cousas,

sugerindo mil ansiedades, para comprehender a esquisita emoção que naquella hora ia pela alma de Emilio. É necessário ter visto uma noite de lua cheia, em pleno verão mattogrossense, julho ou agosto, noites em que o céu parece como que dilatar-se, augmentar o infinito, aprofundar o enorme e silencioso mysterio da sua immensa curvatura azul, constellada de mundos sideraes, que são outros tantos enigmas suspensos sobre as nossas cabeças; é preciso ter sentido bem funda a impressão dessas noites claras e divinas, de solidão e silencio ineffaveis, sem os ruídos que, nos grandes centros, perturbam o recolhimento nocturno, um silencio único, vasto, impenetrável, como si fôra o grande espasmo da Natureza adormecida sob forte magnetismo do luar.

Não ha uma sombra, tudo parece tomar cor mysteriosa do luar, cor feita de uma transfusão de todas as cores, de todos os matizes subtis e imponderáveis. Não ha um ruído, apenas, de quando em quando, um grillo vagabundo zizia numa arvore; uma viração medrosa corre nos ramos, encrespa, num beijo, a placidez das águas dormentes; um gallo canta, nalguma chácara distante — e o silencio volta de novo, amplo e solemne, como feito da concentração

ou do aniquilamento de todas as forças vitaes. As pedras de crystal do calçamento tinham vagas crepitações de diamantes á luz do luar e, posto não fosse ainda meia noite, nem uma casa se conservava aberta. Emilio olhava abstractamente a rua deserta e, adiante, sobre a doce elevação de um outeiro, singela de graça rústica e envelhecida do tempo, a igreja do Rosário com a sua torre caiada onde o luar se inflectia em colorações de um matiz extranho. Alem, na outra baixada, a estrada do Areão, larga e sinuosa, de terra vermelha e fofa. Numa curva, ao fundo, dois atalhos, um que descia para a Cruz do Padre Santos, outro, mais estreito, que ia dar a uma chácara. Á esquerda da igreja algumas casinhas faziam entrever todo um bairro pobre de gente humilde, bairro de ruellas estreitas e sem alinhamento, a remontar pela morraria adjacente.

Mais além, no horizonte distante, se alongava o caminho do Coxipó, seguindo, numa sinuosa, os fios da linha telegraphica, assignalados pelos postes esguios de isoladores de porcellana, a marcarem as distancias, como sentinellas perdidas naquelle ermo.

Do lado opposto, uma ponte, sobre a Prainha, e, alem, a Cidade se estendia, compacta, com o seu centro silencioso de casas modestas e pesados sobradões á antiga, nos quaes o luar punha effeitos mágicos, dando á sua pobre alvenaria feições de artísticos azulejos e á suas construcções antiquadas o aspecto de ricos solares d'antanho. Emilio demorou longamente o olhar sobre a vasta paisagem adormecida e sentindo-se empolgado por uma porção de evocações antigas, fechou rapidamente a janella e foi sentar-se á secretaria, a folhear uma velha revista francesa.

Via-se incapaz de ler, de distrahir-se.

A claridade da lua penetrava aos poucos o aposento, sorrateira, insinuante, como uma tentação irresistível e elle se via de novo, na sala toda clara, presa das suas saudades.

Não se conteve e foi reabrir a janella.

Sobre a paisagem triste e erma pairava uma doçura enlevada do sonho. D'um golpe, Emilio relanceou o olhar, abrangendo todo o panorama e viu a lua cheia, enorme e avermelhada, que subia do morro ao fundo, quasi na linha do horizonte a se esbater, ao longe, na curva da Serra.

E era como si aquelle luar tivesse uma extranha influencia de encantamento ou de magia.

Emilio sentia-se cheio de vagos desejos sentimentaes e evocava outras noites como essa, um luar claríssimo prateando a areia, brilhando nas paredes brancas, inflectindo-se na água cascadeante dos rios, na superfície morta dos pantanaes ou no espelho verde das grandes várzeas e dos banhados.

Scenas antigas, pessoas esquecidas, factos primitivos vinham-lhe á flor da memória, na incoherencia apparente daquellas evocações, como num sonho de haschish. Aquelle luar era como uma, clarabóia aberta pala o mundo mysterioso de Sonho, como uma preamar do passado no oceano calmo da sua vida presente. Quantos não teriam conhecido aquella emoção, a quantos outros, talvez nessa mesma noite, a essa mesma hora, o luar não teria suggerido aquellas ideas que lhe acudiam num borbotão de sentimentalismo a que não saberia resistir?

E Emilio sentiu ciúmes do luar, tão lindo e que não era só d'elle, ciúmes como temos

ao vermos que um outro póde achar formosa aquella que é objecto do nosso amor.

Sorriu deante daquella idealização pantheistica e procurou afastar essas phantasias. Para tomar pé naguella forte corrente que o arrastava, procurou uma idéa que o dominasse e lhe permitisse reassumir a direção da sua vontade.

E o seu pensamento fixou-se em Irene, sua namorada de poucas semanas, doce provinciana de lindos olhos sonhadores e feições mysticas de uma suave madona de Rafael.

Começara entreter com ella o mais innocente dos namoricos e sentia-se mau grado a si mesmo, meio preso á sua doce graça de menina e moça. Oh! o que não daria para tel-a perto de si, sob aquelle luar de idyllio, e poder dizer-lhe o que ainda não tivera coragem de lh'o dizer, toda a sua affectividade que sentia renascer ao lado della, todo o seu carinho que só ella viera despertar!

E elle revia-a, viva e interessante, no virginal desabrochar dos seus 16 annos, com o seu ar de corsa tímida e meiga, com aquella graça perturbadora do seu todo de virgem que começa pela primeira vez a amar.

O seu corpo leve como um vime, flexível e sensual, tinha ondulações de água e tonalidade mysteriosas de luar.

Era clara, de um moreno róseo e vellutino nas faces, a sua voz era suave com um arrulho de pomba e o seu olhar tinha a attracção mysteriosa dos abysmos de par com a cérula claridade das alturas.

Como sentia elle amar e desejar aquella creatura! Longe, um ruído de passos rompeu o silencio, augmentou, passou, desapareceu numa esquina próxima. Algum burguez retardatário que se recolhia para a casa ou algum noctivago bohemio, vindo de uma noitada de jogo ou de amor.

Emilio deixou-se ficar estirado no divan macio ele velludo castanho, perto da janellinha baixa, um livro aberto entre os joelhos, sem ler, um cigarro apagado ao canto dos lábios. Recordava agora muitas outras noite como aquella passadas em terras distantes, e sentia saudades desses tempos de exílio voluntário a que se condemnara, que de tudo se tem saudade na vida quando se tem um temperamento de sonhador.

Noitadas deliciosas de idyllio e vigílias torturadas de insomnia, quantas vezes o viera

encontrar assim, esse mesmo luar que protege os amores nos terraços claros dos palácios e nas senzalas sombrias das fazendas, que favorece os crimes nos ricos solares e nas estradas desertas dos povoados, luar meigo e sinistro, de beijos e traições, que lembra entrevistas de amor e emboscadas de sangue, apertar de mãos, tremulas, em despedida, e cruzar de punhaes scintilantes em viellas escusas, luar de sonho e de ansiedade, voluptuoso e mau, a aclarar de brilhos trágicos o balcão florido de Julieta e a esplanada deserta de Elseneur, evocando, na sua dúplice e melancólica expressão, os maiores mysterios da vida: o amor e a morte.

Lembravam-lhe casos extranhos do sertão, ouvidos contar outrora nas viagens, nos pousos pittorescos, ao pé do fogo, emquanto, fóra, as *polacas* batiam no silencio e grillos guizalhavam numa canção de saudades. De chofre, um rumor na alcova, assustou-o. O aposento, ao luar, parecia maior, como si as paredes tivessem recuado ou os móveis desaparecido.

O ruído continuava. Um rato, de certo, pensou Emilio, procurando tranquillizar-se. E, fechando a janella, pos-se a fazer a sua veste da noite. Já em camisola, procurava na bibliotheca

um livro para ler, enquanto conciliava o somno, quando uma idea extravagante lhe atravessou o cérebro fatigado daquelle esforço imaginativo a que se entregara.

Si ali na alcova, perto delle, estivesse alguém de tocaia á espera do momento opportuno para aggredil-o? Procurou afastar essa idéa, que lhe parecia risível, mas ella o perseguia, voltando insistentemente.

Pé ante pé, elle se dirigiu até a alcova, com uma lamparina na mão. Olhou, procurou e revistou tudo; não havia ali ninguém. Experimentou todas as fechaduras e, mais sossegado, veio deitar se.

Apagou a lamparina, mas a sala permanecia clara, invadida do luar que entrava pelas frestas, reflectia-se através das telhas novas do tecto, perseguíndo-o com a sua luz lactea e suave, como uma obsessão.

Veiu-lhe á mente um episodio de Paul Arene, no seu encantador «*Jean des Figes*» em que elle allude a um «insolado» perseguido pela visão solar e aquelle trecho do «*Tartarin*» em que Daudét empresta aos meridionaes faculdades de imaginação correspondentes ao sol ardente que os deslumbra. Julgou-se Emilio

victima d'um influxo, com os *ensolleiles* das lendas provençaes.

Não conseguia dormir, entretanto, e irritava-se inutilmente, fumando cigarros sobre cigarros, numa sensível hypertensão nervosa. Si fosse, ao menos, numa cidade grande, sahiria, que lhe não faltaria aonde ir, mas ali? Sobreesteve-se, quando estava a ponto de maldizer aquella terra que elle tanto amava.

Levantou-se, num repelão forte, foi accender o lampeão para tentar de novo na leitura o meio de fugir á influencia enervadora do luar. Dirigiu-se á estante de mogno, alta, onde os livros se enfileiravam nas suas encadernações artísticas, formando um conjuncto distincto. Tomou um, ao acaso, e abriu: era a 2ª serie das *Poesias* de Alberto de Oliveira e a pagina que tinha sob os olhos correspondia áquelle bello poema «*Volupia*» que assim começa.

«Não amo eu só! meu Deus, em noite assim tão linda!...»

Não leu toda a poesia. Procurou, a esmo, na collecção dos auctores estrangeiros outra obra, exclamando de si consigo: — Estes nossos

poetas! Sempre os mesmos, sentimentaes e piegas!

De volta, folheou, perto da secretária, o livro que lhe viera ás mãos, um volume do immortal Guy de Maupaussant, mestre da novella francesa e um dos maiores vultos da literatura universal. «*Clair de Lune*» era o titulo da obra, e do primeiro conto. Era evidentemente uma obsessão.

Irritado, Emilio atirou o livro sobre a pasta e como se falasse a alguém, numa expansão incontida: «Decididamente, uma vida destas é intolerável! Peço amanhã a Irene em casamento. Outro luar já não me encontra sozinho!...»

A Visão da Ponte

A Franklin Cassiano

A VISÃO DA PONTE

I

Ao despedir-se da família, á porta da rua, Carlos sentiu um vago receio que não quis confessar. Era perto de meia noite e elle devia vencer a distancia de dois kilometros até a sua casa. Desde que enviudara, não tinha deixado aquelle habito que já se tornara necessário ao seu viver quotidiano.

Continuando a morar na sua casinha. perto da ponte, onde tinha o negocio e almoçava, vinha jantar todos os dias com a família e ficava, ás vezes, conversando até tarde com sua mãe e os irmãos.

Naquelle dia, como fizesse um bellissimo luar e a noite estivesse serena e quente, Carlos se esquecera na palestra e só dera por si quando já passava de onze e meia.

Poderia ficar ali, dormir no seu velho quarto de solteiro, mas pareceu-lhe uma infantilidade o receio que o acomettera.

Depois, precisava de estar em casa desde manhanzinha pala abrir o armazém, pois havia fregueses que appareciam muito cedo.

E, de resto, confessava-se, não era, nunca fora medroso, e apesar de fraco e de compleição nervosa, era dotado de lúcida intelligencia e provido de sólido bom senso. Não tinha grandes estudos, conhecendo pouco mais que as matérias do curso primário, mas um admirável tino econômico presidia-lhe os negócios e imprimia uma orientação segura á sua vida commercial.

Era o primeiro filho varão de um casal, de negociantes; os outros eram representados por duas moças, uma: já casada, e um rapazola que beirava os quinze annos.

Na cidade inteira Carlos de Andrade gozava do conceito de homem honesto e laborioso. Desde pequeno obrigado a seguir a carreira paterna, auxiliando a mãe no período da viuvez, tivera uma mocidade apagada e medíocre, frequentando pouco a sociedade, inimigo por natureza das aventuras amorosas.

A sua única paixão fôra a Nházinha, filha de um velho *bôava*, a quem fizera a côrte durante três longos annos.

O pai, de começo, não vira com bons olhos a inclinação sentimental do moço negociante por sua filha, para a qual sempre sonhara um partido melhor, desde que a notara casadoura, na belleza virginal dos seu dezoito annos.

A pequena, porém, correspondia visivelmente á paixão do joven Andrade e o portuguez, afim de evitar as más línguas do povo, annuiu ao almejado enlace, que se effectuou, após um noivado de meses, durante o qual Carlos ia apurando as suas economias applicadas no preparo do enxoval.

E, num bello sabbado de Maio, o cura e o juiz receberam, solemnemente, a ratificação official do desejo que ha muito nutriam os jovens de se unirem pelos «vínculos suaves do hymineu», como, ao jantar, em bello improviso de saudação aos noivos, se exprimiu o talentoso Dr. Leopoldo Goes, promotor da comarca e amigo da casa.

Casados, começou para os dois uma vida de anjos.

Fôram morar na casinha da ponte que Nházinha levava de dote.

Bonita e meiga, realizara a moça, á perfeição, o sonho matrimonial de Carlos, que, dia a dia, mais se sentia apaixonado por ella.

Ali tiveram uma lua de mel perenne de quasi um anno. Mas, como a felicidade mundana, não poderia ser durável o paraíso dos ditos esposos: quando foi do primeiro parto, depois de uma terrível luta de varias horas, a pobre moça succumbiu e a criança, extrahida a fórceps, morreu também pouco depois.

Carlos difficilmente se consolou daquela perda que lhe roubara, a um só tempo, a, esposa querida, o filho tão desejado e, mais ainda, a perspectiva da herança do português.

Este terceiro motivo de pesar era de natureza muito material e elle jamais o confessara a ninguém, mas não deixava de contribuir para augmentar-lhe o abatimento, pois sempre era mais um sonho que se lhe esvaía.

No intimo, jurou para si mesmo não se casar outra vez.

Alguém verá nessa resolução alguma sombra de desgosto ou desapontamento que lhe restasse das primeiras núpcias, mas posso affirmar que tal não era a causa, antes, sim, um sentimento innato de fidelidade que o obrigava a cumprir um juramento feito á mulher de que jamais traria para a casa deles uma outra extranha ao seu amor e á sua felicidade.

Que valem, porém, as resoluções mais decididas diante dos imprevistos da vida?

Um anno e meio após a sua desconsolada viuvez, deparou-se-lhe a eterna sereia feminina na pessoa de uma sympathica mocinha, professora normalista, dona de um par de olhos negros tão feiticeiros que o encantaram de tal geito que Carlos via os seus propósitos arrastados água abaixo na correnteza impetuosa de uma nova paixão.

Para se excusar comsigo mesmo, Carlos procurava, encontrar vagas affinidades e longes semelhanças entre Terezinha e a sua primeira mulher e dizia-se, no intimo, que afinal era preferível aquelle casamento, que não lhe impediria manter o culto saudoso da extincta, a uma vida irregular e peccaminosa, que fôra a mais negra affronta á memória immaculada de Nházinha.

Assim é que, na noite em que começa — e acaba — esta historia, achava-se o moço Andrade disposto a pedir a mão da graciosa Terezinha, tendo a esse respeito consultado a família, que se manifestara de inteiro accordo com a sua inclinação e escolha.

II

Carlos desceu a rua pela calçada, a bengala debaixo do braço, trauteando uma velha valsa lenta.

A noite bellissima — era pela *cheia* de outubro — se enchia de sons mysteriosos: uivos de cães, ao longe, amedrontados pelo luar; canto de gallos, ran-ran de sapos na lagoa e extranhos rumores do arvoredo ao vento.

No fim da rua, Carlos parou um instante, como hesitando entre o seguir e o voltar.

A estrada, longa que se estendia até a Ponte alvejava ao luar de um clarão impressionante.

A areia parecia de ouro e as arvores das chácaras marginaes, estremecendo ao vento, davam a única impressão de vida áquella paisagem immota e tranquilla.

Teria de andar seguramente uns dez minutos, indo depressa, até ganhar o outro extremo da cidade, o bairro de alem da ponte, onde ficava a sua casa.

Não era possível ficar ali parado e nem lhe pareceu decente voltar.

Assustaria a sua gente se fosse bater á porta quando já deveriam ter-se acomodado

e, demais, poderiam até zombar dos seus temores.

A lembrança de que a essa hora a mãe e os irmãos já estariam agasalhados, no conforto do leito, augmentou-lhe a fadiga e o receio. O relógio da igreja deu pausadamente as doze badaladas da meia noite, quando Carlos se decidiu a seguir.

Afinal, pensou, elle era um homem de quasi trinta annos a quem não ficavam bem essas puerilidades. Medo, mas de que? Que lhe poderia succeder? Visões, phantasmas, almas de outro mundo, não acreditava em nada disso...

Quem, vai não volta nunca mais...

Carlos pensou instinctivamente na mulher e um vago calafrio lhe percorreu o corpo.

Qual! Historias! Fazia, quasi dois annos que ella morrera e elle continuando a morar na mesma casa, a dormir no mesmo leito, nunca vira nem ouvira nada que pudesse impressional-o.

Deu de andar, a passo lento, sacudindo a bengala entre as mãos.

O barulho que as suas botinas faziam no pedregulho começou a incommodal-o.

Numa curva pareceu-lhe ver um vulto de tocaia e esteve para voltar, mas, munindo-se de coragem, aproximara-se e viu que era um tóco de madeira que ficara ali atirado.

Ia apressando cada vez mais o passo e, por último, quasi corria.

Felizmente avistou as primeiras casas do bairro da Ponte e a proximidade do convívio humano, tão desejado em certas ocasiões, alentou.

Quando passou a casa do Zé Bento, teve um suspiro de desafogo e diminuiu o passo.

A sua casa já apparecia do outro lado da ponte, caiadinha e bonita, com as janellas de venezianas azues.

Todo o arrebalde dormia, e Carlos procurou, ansioso, ver luz em alguma casa.

Geralmente, quando vinha, a sala do Padre Nestor, cura da freguezia, ainda estava illuminada, pois o santo homem costumava lêr até tarde.

Também as meninas do Oliveira ficavam conversando á porta com os namorados e na casa do Jordão, que viajava, sempre, havia movimento de preparativos e ouvia-se, passando, o ruído monótono da grossa, ralando o

guaraná ou o chiar do caramujo sobre a palha, para fazer cigarros.

Nesse dia, porém, por se ter atrazado muito mais que de costume, o maior silencio reinava no arrabalde adormecido.

Carlos ganhou a rampa que ia dar á ponte.

O luar de prata inflectia-se nas águas silenciosas do córrego.

Uma ânsia inexplicável lhe vinha de verse logo em sua casa, deitado na sua cama de casados, de largos cortinados ou na rede macia e lavrada de varandas vermelhas.

A idéa do seu quarto trouxe-lhe de novo a evocação de Nházinha, a sua doce companheira de tantas noites saudosas. A pesar da morte que irremissivelmente os separara, Carlos sentia, por vezes, um vago desejo della, da sua convivência, do seu carinhoso aconchego, ali naquella alcova em que cada objecto lhe falava della e da sua felicidade perdida...

E dahi lhe vinha, de mistura com a saudade da morta, um ligeiro travo de remorso ante a facilidade com que a esquecera.

Sacudiu a cabeça, como procurando espantar aquellas ideas importunas...

Quando ia para atravessar a ponte estacou de súbito, como paralyzado.

III

Bem na extremidade, de pé, apoiando-se, á balaustrada, havia um vulto immovel de mulher.

Carlos não lhe via o rosto, porque ella, de costas, parecia olhar do lado da sua casa.

O pobre moço sentiu que o sangue se lhe gelava nas veias, a respiração se lhe tornava oppressa e entrecortada e o coração lhe pulsava num desespero.

O seu primeiro impulso foi retroceder, correndo.

Para que, se todas as casas estavam fechadas e ella, desde que o estivesse esperando, o perseguiria, quando o visse fugir?

Mas, então, seguir?

Ir ao encontro do vulto, reconhecê-lo, ouvir-lhe, talvez, a voz de além-túmulo?

Não se sentia com coragem para tanto.

Carlos quedou-se uns segundos, irresoluto e perplexo.

O vulto permanecia no mesmo ponto, destacando-se, negro, na claridade do luar.

Depois elle o viu mover-se, encaminhando-se lentamente para o lado da casa, dobrando

a esquina que passava, pelo oitão. Podia bem ser algum ladrão disfarçado, pensou, e era muita imprevidência de sua parte andar desarmado a deshoras, por aquelle bairro deserto e sem nenhum policiamento.

Aquella idéa, entretanto, acalmou-o um pouco. Não era decente, nem agradável, ficar a noite toda ali na rua até que clareasse. Atravessou a ponte, tendo o cuidado de passar do outro lado como se tivesse receio até do lugar onde o vulto permanecera. Já, em frente á porta, levou ainda alguns minutos para se decidir a abril-a.

A casa jazia mergulhada num silencio glacial que o impressionou ainda mais. Atravessou o corredor e a varanda sem coragem de riscar um phosphoro.

Ao entrar na alcova sentiu-se mais calmo e accendeu a vela sobre o criado-mudo. Despiu-se num instante e ainda agitado por tantas commoções, foi fechar a janella que dava para o terreiro.

Na rede, pôs-se a epilogar os acontecimentos daquelle dia, a conversa em casa da mãe, os boatos que ouvira na botica, acerca da attitude do Leôncio, velho pretendente, á mão de Terezinha, que, segundo lhe disseram, jurara

impedir a todo o transe o seu casamento com a professora. Havia de ver si tal cousa era possível...

Tinha todas as provas de que ella retribuía o seu amor e, ademais, o só acolhimento carinhoso da família Coutinho bastara a assegurar-lhe a preferência que lhe manifestavam.

Também, modéstia aparte, não havia comparação possível entre elle, um rapaz serio, morigerado e já com a vida feita e o Leôncio, um doidivanas, um bohemio incorrigível, que vivia em constantes farras nocturnas e sem eira nem beira, pois nem ao menos emprego possuía ou profissão que lhe garantisse subsistência.

Pois sim, elle que se ninasse, que a bella Terezinha não era para o seu bico...

Claro que Leôncio visava sobretudo o ordenado da moça que lhe seria exellente amparo, mas positivamente, uma rapariga ajuizada e discreta como aquella merecia melhor sorte que ser a mulher de um jogador e de um perdido...

Estas idéas e outras o fôram fazendo esquecer-se da visão da ponte.

Custou a conciliar o somno, levantou-se para tomar água e viu que esquecera aberta a porta da sala de jantar que dava para o interior da casa.

Disposto a ir fechal-a, atravessou a sala de visitas, no escuro, e a vista, involuntariamente, deu com o retrato, em ponto grande, da mulher, suspensa da parede, no qual um reflexo de luar entrando pelas frestas do telhado, punha uma extranha, impressão de vida...

Sentiu um vivo arripio nervoso, e de novo o invadiu a impressão de ha pouco, lembrando-lhe a apparição da rua. Mas, num muchocho, penetrou na sala de jantar pela porta do meio e dirigiu-se á porta que dava para o jardim, que também ficara aberta.

Avistara, porém, no meio do terreiro, em pé, o mesmo vulto que pouco antes lhe apparecera encostado á ponte...

Estacou, com as mãos ambas segurando o portal, os cabellos eriçados de horror, os olhos fixos na apparição que via aproximar-se passos lentos.

Carlos sentia a morte dentro de si ...

O vulto estava a dois passos delle e estendia-lhe os braços, não lhe sendo possível,

porém, distinguir-lhe as feições, sob o espesso véu que lhe encobria o rosto.

O moço sentiu uma tonteira, os ouvidos lhe zuniram, a vista obscureceu-se-lhe e, preza de uma syncope, tombou pesadamente ao solo...

IV

No outro dia, como a casa não se abrisse até tarde, os vizinhos entraram de receiar que qualquer cousa houvesse acontecido ao negociante.

Resolveram mandar chamar os parentes e arrombar a porta.

A família de Carlos chegou logo, precedida do portador que fora avisal-a.

A porta foi violentada e encontraram o moço estendido de borco á entrada do jardim e já morto de algumas horas.

Nos seus olhos, immensamente dilatados, pairava uma expressão indizível de pavor e as mãos crispadas pareciam agarrar alguma cousa invisível.

No meio da estupefacção geral que, o sinistro encontro produziu, os mais variados comentários foram surgindo, corporificando-se

todos na crença generalizada de que fôra a mulher que viera buscal-o, como sempre dissera, para impedir o casamento com a Terezinha.

Apenas o Leôncio, o incorrigível bohemio, interrogado, quasi á hora do enterro, sobre o modo de ver acerca do facto mysterioso, discordara da opinião geral, limitando-se a esboçar um sorriso superior de incredulidade e a dizer, entre dentes, como si falasse consigo mesmo:

— «Almas... Almas... O rapaz é que era mesmo doente e medroso... Onde é que já se viu morrer desta maneira? »

E as palavras com que o Leôncio commentou a morte de Carlos correram de boca em boca pela cidade, com geral reprovação e escândalo. Só mesmo um incrêu daquelles, um homem sem crenças e sem sentimentos, poderia insurgir-se contra a possibilidade de um facto tão facilmente explicável e aceito pelo consenso de todos... Só mesmo o Leôncio!

Nota de pesquisa:

Mário de Andrade, em seu arquivo, no Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo, à margem do recorte em que a crônica “O sobrinho de Salomé” foi divulgada, escreveu: “*Em José de Mesquita, A cavallhada (Cuiabá, 1928), o herói do conto ‘A visão da ponte’ se chama Carlos de Andrade... meu pai*”.

Fonte: Telê Porto Ancona Lopez, “Taxi e Crônicas no Diário Nacional”, São Paulo, Duas Cidades/SMC, 1976, pág. 439.

O Último dia da mocidade

A Alcindo Camargo

O ultimo dia da mocidade

O relógio sobre a mesa de mogno bateu lentamente as nove horas da noite. Gontran teve um ligeiro sobressalto na ottomana em que estava sentado, ao fundo da sala meio escura e silenciosa. Olhou o seu relógio de algibeira como para certificar-se da hora e continuou na mesma posição, a fumar o seu cigarro quasi consumido.

Aquelle aposento quieto e deserto, isolado do resto da casa pelas pesadas persianas verde-escuras, condizia. bem com o estado de sua alma naquelle instante. Viera ha poucas horas do cemitério aonde fora acompanhando um velho amigo, quasi um irmão, tão longa e estreita era a camaradagem que, em toda a mocidade, os unira. E, de volta, o movimento nocturno que começara, na tristeza vaga daquelle crepúsculo de maio, lhe infundiu

na alma uma profunda e desanimada melancolia. Jantou pouco, quasi nada, e emquanto a família palestrava ainda, na varanda, num recolhido e calmo serão de intimidade, elle se recolhera ao gabinete a remoer comsigo mesmo a sua, dolorida tristeza.

Pobre Eduardo! E á lembrança do amigo que lá ficara, sob os chorões solitários — naquella eminência que, como uma ilha fúnebre, parece dominar o oceano revolto que aqui embaixo se agita, nos vagalhões convulsos da vida — Gontran evocou, num relance, toda a sua mocidade em que o outro tivera tão grande parte e tamanho ascendente.

Sentia-se acabrunhado, apprehensívo, preza de um abatimento que lhe não era possível dominar, nem sequer esconder aos demais. Olhava em roda de si e, pela primeira vez, parecia faltar-lhe aquella serena confiança que lhe animava os actos mínimos da existência e sentia-se incapaz de comprehender a razão por que vivia.. Tinha Gontran chegado, sem o perceber, a esse passo trágico da vida, de que uns se aproximam mais cedo e outros mais tarde, hora de desillusão entediada e amarga em que o viver principia a parecer-nos muito vasio no passado e muito

incerto no futuro. Vivera, entanto, até ali quasi sem o notar, gozando a juventude sem siquer cuidar na sua ephermeridade, procurando della tirar o maior numero de prazeres possível, sem mesmo reparar nas dores que passavam ao seu lado. Só agora este golpe inesperado na. sua sensibilidade affectiva viéra despertar-lhe a idéa dolorosa da situação em que se achava, de par com a sensação angustiosa de ver-se tão isolado nas vésperas da velhice. Tinha outros amigos, parentes, mas, a despeito do muito que lhes queria e era por elles querido, sentia a falta de alguém que lhe comprehendesse a alma pela intelligência mais do que pelo carinho.

Via que lhe era mister o affecto de uma pessoa que lhe fosse ligada pelos laços indestructiveis de uma dessas affinidades espirituaes solidamente radicadas no mutuo entendimento das almas, amizade mais intellectual que affectiva, e na qual entrassem, de metade, semelhanças de character e paridades de gosto esthetico. Tivera um grande amigo que lhe dera, por vezes, a illusão de ter encontrado essa alma gêmea da sua, feita para entendel-o naquillo que de intelligivel possuía a sua complicada organização psychica.

Esse amigo fôra Eduardo — alma simples de bom, espírito culto, forrado de uma sadia intelligencia. Eil-o, porem, arrebatado ao seu convívio, numa dessas surpresas com que a morte nos fere, dando-nos, ao vivo, a real noção de nossa fragílissima contingência! E a Gontran, não lhe parecia possível acreditar ainda na realidade e com ella conformar-se. Pobre Eduardo! repetia, uma, dez, cem vezes, de si comsigo, numa lastima inconsciente, pois, no seu intimo, á mais acurada analyse, não via, porque deplorar assim os que morrem, parecendo, a rigor, que, nessa separação, mais infelizes são os que ficam... Pobre delle, sim, que ficava só, justamente agora ao abeirar-se dos 50 annos, quando a mocidade lhe fugia, apesar do apego desesperado com que tentava prendel-a e prolongar por mais tempo a doce illusão de felicidade que ella leva comsigo.

Os seus parentes, todos collateraes, irmãs e irmãos casados, não lhe bastavam, embora numerosos e unidos, a satisfazer esse appetite de affecto que lhe devorava a alma naquella tarde sombria da vida. Demais, a só presença dessas novas famílias que se formaram da sua, novos ninhos, que se enfloraram em verdes e

cânticos, enquanto elle permanecera solitário no tronco já ressequido do lar paterno, lhe trazia maior pesar e angustia, frisando o contraste de sua solidão em meio á alegria gárrula dos demais. A estes a vida sorria, de certo, e, apesar dos inevitáveis dissabores e contratempos domésticos, sentir-se-iam confortados pela doce solidariedade da família, profundamente egoística dentro dos seus muros, que mesmo querendo fazer della participar um extranho, difficilmente lhe poderá transmitir, em toda a sua pura effusão, a calidez dos affectos em que se apura.

Das suas irmans e irmãos em numero de oito, todos dispersados em busca de novos ideaes, apenas elle ficara, guarda do lar antigo, tão cheio de reminiscências, tendo agora, de uns meses atrás, a minorar-lhe a solidão, a companhia de uma irman viúva, que, á mingua de recursos, que lh'os não deixara o marido — um perdulário — viera abrigar-se, com os seus cinco filhos, á sombra patriarchal do solar da família.

Esse velho casarão, typo das antigas propriedades brasileiras, grandes como as virtudes dos que as habitavam, vinha despertar-lhe a evocação da vida commum em família,

dos seus dias de menino, tão felizes quão distantes. Tudo daquelle tempo ia-se acabando, quando já não havia acabado... E Gontran sentia-se muito só e fatigado, como após uma longa viagem. A idéa da velhice, em que jamais até ahi attentara, infundia-lhe um instinctivo horror. E, com essa idéa, outra entrou de esvoaçar-lhe no espírito, a da morte, corollario fatal da primeira.

Apesar de sua tradicional calma, gabando-se mesmo de ser um espírito educado á inglesa, tendo da vida uma intuição lógica e uma concepção quasi mathematica do destino, Gontran sentiu um calafrio de pavor ao pensar em morrer. .. Mas era cedo ainda para preoccupar-se com isso...— reflectiu, buscando dar novo rumo ás suas idéas em risco de um desvio da sua rota commum. Nunca é, cedo para morrer, redarguia-lhe, dentro de seu *eu*, outra voz mysteriosa. O teu amigo Eduardo era bem mais moço que tu, tinha quasi dez annos menos e, por certo, ainda hontem a esta hora, bom, robusto, alegre, nem lhe passava pela mente a idéa que ora te agita o cérebro.

Gontran levantou-se, num ímpeto, irado contra si, contra aquelle “outro”, aquelle,

“intruso” que lhe pretendia, á viva força, subjugar a consciência e dominar a vontade. Estava moço ainda, embora os seus 47 annos e o muito que lhe parecia haver vivido nesses intensos dias da mocidade tão cheia! Sentia-se ainda estuante de vida, de desejo, de esperança ...

Que cousa horrível deve ser a velhice! Que triste ver apagar-se o a febre dos sentidos e bruxolear o lume da confiança no futuro! Mas a elle ainda lhe faltava muito para chegar a esse ponto... Ó seguramente muito ainda lhe restava prelibar no cálice dourado da existência! Mas, então, por que se sentia tão outro, tão diverso do que fôra antes, *tão extranho a si mesmo?* Fazia-se, dia a dia, mais egoísta, mais sceptico, mais sem ideal.

Não era isso o amortecer da mocidade, com as suas bellas qualidades características, a bravura, o sonho, a crença em si e nos outros, a confiança no viver? E ao ver-se tão só, naquella idade sombria, pensou si não fôra melhor que se tivesse casado... Gontran atirou o cigarro sobre o cinzeiro de prata velha, com esmaltes que o representavam uma nymphá perseguida por um satyro capripede e velloso... Vendo consumir-se lentamente o

resto do cigarro, pareceu-lhe estar ali symbolizada, numa imagem viva, a lenta e dolorosa, extincção de sua mocidade. Pois que, perguntou-se, numa ânsia, era do destino que tudo acabasse e se consumisse assim miseravelmente, como aquelle toco de cigarro a esfazer-se em cinza, em poeira subtil, em nada?

O *tique-taque* monótono do velho relógio começou a impressional-o, fazendo avolumar-se-lhe n'alma toda a sombra e todo o silencio de entorno? Através dos vidros esmerilhados das janellas, a paisagem se abria no desconsolo infinito de uma noite de inverno. Ouvia-se, de instante a instante, o barulho surdo dos carros que passavam, abalando o lagedo.

Gontran sacudiu a cabeça, num gesto enérgico de reacção, desses com que, por vezes, buscamos afugentar certos pensamentos importunos, que nos perseguem, mau grado a nós mesmos. Sem o notar, pusera-se a recordar o passado, a recapitular a sua vida que lhe apparecia qual uma região distante, ennevoada, extranha, como a da paisagem nostálgica que via enquadrada entre os caixilhos da janella.

Perdera o melhor de sua mocidade num vago sentimentalismo doentio que o fizera

desejar todos os gozos sem a coragem do os acommetter... Mesmo depois que começara a viver, não lhe lembrava ter passado por nenhuma emoção forte, pois que, tímido e de um fundo romântico invencível, fugira sempre a todas as situações violentas. Os seus amores foram, a principio, doces idyllios, breves e apagados, dessas curtas ligações sentimentaes que o tempo se encarrega de fazer e desfazer...

Gontran não se recordava de haver amado, de ter sentido essa necessidade imperiosa ele amar, que os poetas, como os psychologos, proclamam como uma das funcções primarias do homem. Instinctivamente, evocava, numa longa seriação mental, as que se haviam ligado á sua vida sentimental, desde os 15 annos... Claras e louras, de lábios desabrochados e em sorrisos que eram promessas de beijos; morenas e lânguidas, de olhos dormentes e cheios de mysterios; meigas ou sensuaes; submissas ou caprichosas; risonhas ou melancólicas; constantes ou volúveis; resolutas ou tímidas; fortes ou frágeis, — todas as que o tinham amado, em meia hora de *flirt* ou em longos meses de convivência amiga, todas desfilaram ante os seus olhos d'alma, cheias do mesmo

encanto que a saudade lhes emprestava, na idealização phantastica em que as revia... A conta dellas nem elle mesmo o sabia: foram tantas, mas todas vieram, detiveram-se, em longos colloquios, em olhares furtivos, em idyllios deliciosos, um dia, um mês, um anno, e depois partiram... De umas ficara-lhe apenas na lembrança a florescência espiritual de um sorriso ou a restea luminosa de um olhar; outras ligaram-se mais de perto á sua vida, foram suas, deram-lhe essa vertiginosa illusão da ventura amorosa, mas também, em lhes chegando a hora da partida, o abandonaram ... Ah! pensou Gontran, é preciso sentir passada a mocidade para se comprehender todo o bem e todo o mal de viver! No silencio do quarto ouviu-se de novo o surdo ruído do relógio, a soar pausadamente as dez horas... Gontran não deu pelo tempo que fugia, e continuou a reviver sozinho, no retiro sombrio do aposento, numa saudade dolorosa, a sua mocidade quasi extincta. Uma singular voluptuosidade lhe vinha dessas recordações. Elle vivia integralmente o seu passado e sentia, na nítida flagrância das cousas reaes e presentes, velhas emoções de vinte e trinta annos atrás.

A sua memória fluctuava deliciosamente entre essas reminiscências. Prazer virgem dos primeiros encontros, aventuras duvidosas e incertas, lances imprevistos, acre sabor de desejos irritados e frustraneos, anseios desfeitos ante o impossível, voluptuosidades imaginadas e, ao cabo, cheias do travo amargo da desillusão... Gontran se agoniava ao pensar que tinha perdido, voluntariamente, o melhor de sua vida, nessas aventuras sem alcance, nessas peripécias de novella, nestes trechos de um grande romance a que faltassem os mais bellos capítulos Não, nada perdera, sussurrava-lhe outra voz, pois que, de par a tanto desejo mallogrado, quanta hora feliz essa evocação lhe vinha avivar! Sim, mas, ao cabo de tudo isso, que lhe restava agora, ante a chegada fatal e dorida da velhice? Um enorme, invencível desanimo tomou-o, varrendo-lhe a alma como um vendaval repentino... Accordado da meiga illusão da saudade, Gontran olhou, com espanto e horror, a realidade que o cercava. Velho ... Não, elle não era propriamente um velho... Aos 47 annos, muitos ainda começam a viver. Mas Gontran sentia que já vivera muito, que a existência, dahi por diante, já lhe não poderia offerecer nem

o encanto do imprevisto nem o incentivo do desconhecido.

Tudo para elle era gasto, vasio, sem expressão nem sentido preciso. O que, por ventura, emprehendesse para o futuro já traria, no fundo, o vago receio do insuccesso, o saibo envenenado da duvida, a vermina roaz da desillusão. Viver mais seria sentir diariamente, constantemente, o antegosto da morte, e provar, numa agonia longa, o travo doloroso da desesperança. Ouviu vozes na sala de jantar, ruído de crianças que corriam, numa alacridade, brincando e cantando...

«Anda, desanda a roda...»

ou

é uma dança *espondongada*
que põe o joelho em terra
e o povo fica pasmado...»

Agora era a sua irman que ralhava com a Ninita, a caçula, de 3 annos, por haver partido uma faiança que a copeira, sempre desleixada, collocara á beira da mesa... Para aquelles a vida sorria, a esphinge da existência era facilmente decifrável... E para elle? Levantou-se, meio trôpego, e encaminhou-se até a janella.

Garoava. O céu escuro lucilava de vagas pontilhações e, na noite fria, os combustores ardião ao longe, no largo deserto... Cuidou ouvir um barulho de passos na calçada e viu, rente com a parede, muito embuçados e encolhidos, dois vultos, provavelmente um joven par que, de volta de seu passeio, se recolhia á casa. Um automóvel passou, numa corrida desabalada, rumo do Porto.

Gontran, aborrecido, fechou a janella e tomou um livro que um amigo lhe trouxera na véspera. Era uma obra de um poeta novo que, na cinzeladura das estrophes de ouro, cantava os enleios da paixão nascente... Nervoso, entediado, Gontran atirou o livro sobre a secretária. Procurou accender outro cigarro, mas três vezes o phosphoro se lhe apagou nas mãos sem que pudesse transmittir o lume ao cigarro.

Uma forte contrariedade nervosa o tomou diante daquelle incidente sem importância, mas que a sua imaginação vibrátil se deparava o prólogo de uma série de desastres.

Estendeu-se de novo na ottomana larga, macia, convidando a um bom somno... Não tardou que se erguesse, num estado nervoso mais pronunciado, com uma sensível e crescente

opressão no peito, a garganta ressequida, a respiração entre-cortada e difícil... Sentia um frio enorme percorrer-lhe o corpo e um tremor convulsivo lhe agitava os membros. Quis ainda ir até a varanda, conversaria, talvez se distraísse.

Não teve tempo. Uma aflição maior o invadiu e Gontran, apoiando-se á secretária de mogno, com os olhos dilatados pelo terror, pôs-se a gritar:

Acudam! Acudam! Eu morro!

A irman e os sobrinhos acorreram, numa ânsia, e encontraram-no cahido ao fundo da ottomana, muito pallido, com as mãos ambas a suster o coração, a dizer-lhes, baixinho:

É a morte!... Não! Não! Eu não quero ainda morrer!



Nota de pesquisa: Outras publicações.
Este conto, foi publicado pela primeira vez na REVISTA DO BRASIL, Volume XXV, Janeiro a Abril de 1924, Editora Monteiro Lobato & C., São Paulo, pags 20 a 26.

Evocação

A Cesário Prado

Evocação

Muitos annos passados; ella, revendo um dia as suas antigas lembranças, encontrara ali, no meio das cartas cujo papel começava a amarellecer, das velhas flores de laranjeira que lhe recordavam o casamento das suas amigas, as festas e os bailes doutrora, aquella tira de papel curtinha, estreita e rasgada numa ponta e que, subitamente, numa nitidez maravilhosa, lhe trouxe a evocação suave duma velha felicidade perdida. E ella não pôde resistir á doce, á tentadora suggestão daquelle pedacinho de papel amarrotado, esquecido ali a um canto, entre tantas outras relíquias, como uma cousa insignificante, muito secundaria e que, todavia, representava em sua memória todo um período longo de vida, entre os seus 13 e 16 annos ...

Preza, mau grado a si mesma, duma melancolia suave e irresistível, ella ficou algum

tempo esquecida do que tinha a. fazer, das occupações caseiras, dos arranjos a terminar, numa espécie de abstracção para tudo mais que não fosse aquella idéa que a empolgava irresistivelmente... Devia fazer. bem uns 40 ou mais annos... Um suspiro lhe fugiu involuntariamente do peito. Elle morava noutra cidade, longe, dali, já velho também e havia seguramente uns 10 annos que elles não se viam... também, verem-se para que? Na mocidade mesmo, depois que elle voltara uma vez ali, a passeio, tinham-se visto muitas vezes e de que valera aquillo? Ella notou, e elle também devia ter notado, que a presença de um já não infundia, como antigamente, ao outro, aquelle bem-estar e alegria passados, que é uma das manifestações exteriores do amor. Depois, agora que tudo se acabara naturalmente, sem rompimentos nem lances dolorosos, pela simples acção do tempo, que faz esquecer tudo na vida, a ausência e a separação deveriam convir-lhes mais, porque era nessas horas de saudade silenciosa que um poderia evocar a sos a lembrança do outro, livre dessa preocupação do presente que a proximidade certamente lhes havia de trazer. Fôra bem melhor assim... Elle, hoje, vivia distante, era

rico, tinha uma grande família e deveria ser feliz; ella continuava a arrastar a vida naquelle sossego monótono de província, donde nunca se afastara, cheio para ella de recordações do passado...

Mas não podia dizer que tivesse sido infeliz. Casara-se também, tinha filhos e nettos, cuidados domésticos e preocupações sociaes, nunca tivera grandes desgostos nem tristezas e a sua vida calma de senhora abastada corria insensivelmente, num largo declive de rio aberto e sem cachoeiras, para o fim que não, deveria tardar...

Muitas das suas antigas companheiras e amigas não poderiam, infelizmente, dizer o mesmo e tinham tido destinos tristes, sem falar das que morreram moças, sem gozar nada da vida, sinão a fugitiva e enganadora miragem dos primeiros sonhos da juventude... E ella recordava-se desta ou aquella que não tinha casado, que tinha tido « má sina », que tinha encontrado mau marido ou que passara por grandes transes, perdendo filhos já criados, parentes queridos ou empobrecendo-se rapidamente, após uma vida de luxo e dissipação...

É verdade que ella fôra feliz, muito feliz, casando-se com Antunes, um optimo

homem, sem vícios, probo e carinhoso, que lhe proporcionara uma vida mediana burgueza, mas calma e sossegada, entre o amor dedicado da família e a consideração da pequena sociedade em que vivia...

Fôra um pouco apagada a sua vida, mas como exigir mais da sorte, que a tantas nem aquelle tranquillo envelhecer concedia, fazendo-as, já entradas em annos, ter de labutar e esfalfar-se para viver ou valer-se de meios e expedientes humilhantes que o seu character altivo e delicado não lhe permittia. Se ella tivesse casado com outro, com o que sempre ella imaginara ter por marido, nos sonhos precoces da sua imaginação ele menina, teria sido mais feliz? Eis um enigma que o destino não chegara a resolver e por simples conjecturas fôra absurdo aventurar-se a dar-lhe uma solução

A vida é sempre assim, como nós e as circumstancias a fazemos e ninguém pode imaginar com certeza, fôra dos limites da realidade existente, o que ella teria sido ou poderia ser, si, em dado momento, se lhe tivesse dado um outro rumo diverso.

O calculo das probabilidades, que é um encanto para as almas sonhadoras e sentimentaes,

não tem infelizmente, sinão a precisão mathematica duma certeza, ao menos a aproximativa duma hypothese, em que se possa, com tranquillidade, firmar... Dahi a grande incerteza humana de não saber o que teria sido melhor ou peor, numa dada circumstancia da vida, incerteza que mais augmenta e se transforma, ás vezes, em verdadeira magua ou arrependimento, com essa illusão que nós nos fazemos da liberdade de acção e escolha, que poderia, a nosso ver, ter transformado, um dia, a nossa vida, dando-lhe um roteiro differente... Doce miragem que não vê que as existências seguem, como os rios, nas baixadas e valles, uma correnteza, certa e determinada, da qual não poderia desvial-as toda a intelligencia e todo o desejo humano! Mas essa illusão fugitiva é uma tortura e uma delícia para a evocação sentida dos que já viveram um largo trecho da existência ... Ella virava e revirava entre as mãos finas e morenas o pedaço de papel, que encontrara, ao acaso, remexendo as suas antiqualhas... Era uma tira estreita onde havia escripta apenas uma phrase, curta e inexpressiva, para quem lhe não comprehendesse a historia sentida: «A vida de quem ama é toda

um constante sobresalto de ciúme e de desejo». Essas palavras simples e tristes haviam sido escriptas, numa letra pequenina e nervosa, á margem dum caderno e traziam embaixo, meio apagada, uma assignatura de homem. Elle a escrevera, uma noite, num dos seus encontros antigos, após uma scena violenta de ciúmes que tiveram ...

Ella deixara-o para ir um pouco á janella aberta para a rua triste e enluardada e o moço, ficara só, perto da mesa, onde uma irmanzinha della fazia a tarefa da escola. Elle, então, lançara ali aquella phrase, á toa, levado por um habito de rabiscar ou pelo desejo irresistível de expressar o que lhe ia na alma. Esquecera-se de rasgar o papel, contentando-se com rasgar outro pedaço solto, que enchera de nomes e monogrammas della, nervoso e apprehensivo diante do incidente que os viera pôr de arrufos ... Quando elle sahiu, ella destacara aquella tira do caderno da irman e guardou-a, como uma recordação, a única que ainda conservava de todo aquelle longo idyllio, o mais terno e mais saudoso da sua mocidade feliz ... Depois disso ainda se reconciliaram e brigaram diversas vezes, até a ultima, que, coincidindo com a

partida delle, pôs fim áquelle amor inquieto e sem tranquillidade.

Elles eram ciumentos demais e, por esse tempo, apesar de se amarem perdidamente, também um pouco levianos e volúveis. O seu amor de 3 annos, fôra, na curta definição daquelle papelinho, um constante sobresalto de ciúme e de desejo... Doce sobresalto, que nunca mais haveria de sentir — ella, já velha, na despreoccupada commodidade da família, elle também tranquillo, no gozo descansado duma velhice boa e invejável...

Quem sabe si elle ainda se lembraria, ás vezes, para exprobal-o ou para bemdizel-o, daquelle primeiro idyllio, que lhe fizera tanto soffrer e que acabara tão depressa, quando mal começava? Talvez não... O mais certo era que se não lembrasse mais. Os homens, com a sua vida mais agitada e cheia de mil episódios interessantes, esquecem essas cousas muito mais depressa que as mulheres... De resto, a vida lhes fôra boa, para os dois, não havia duvida, e a velha, na silenciosa solidão da sua alcova, não sentia arrependimento nenhum de a ter levado daquelle forma. Mas, apesar da suave tranquillidade que ia fruindo, vinha-lhe uma secreta voluptuosidade em revolver,

do fundo morto da memória, lembrança daquelles velhos sobressaltos de menina púbere, curiosa e trêfega ... Talvez, doutra forma teria sido muito melhor ... Ah! si elles tivessem querido! Mas, que valia pensar nisso, agora que a vida já se fôra, dum modo tão diverso daquelle que lhes faziam ver os seus sonhos doces de adolescentes? Uma evocação suave lhe ia avivando a reminiscência de velhas scenas perdidas, doces episódios esquecidos da sua mocidade tão distante e saudosa e ella, insensivelmente, se achou limpando uma lagrima que, sem que o notasse, viera, macia, muito macia, escorregando pelo seu triste rosto todo enrugado pela velhice...

A Provinciana

A Sóter de Araújo

A Provinciana

Era ao fim de uma ceia alegre de rapazes num gabinete reservado de hotel. Exgottada a derradeira taça de *Pommery*, quando já a deliciosa fumaça dos havanos enchia o ambiente, pondo um lânguido torpor de indolência naquelles noctivagos joviaes, o Aires, cortando de chofre um desses largos e constrangidos silêncios que, por vezes, occorrem no meio das palestras mais animadas, disse:

— Vamos para o terraço e lá, por certo, o nosso amphitryão nos deleitará com a promettida e muito esperada narrativa ...

Houve um ruído de cadeiras arrastadas e todos se levantaram, emquanto o *garçon*, grave e correcto, se aproximava para receber as ultimas ordens.

— Nós vamos lá para cima. Faça levar para lá alguns gelados...

Numa álaçre algazarra subiram a escada que conduzia ao terraço — bello mirante donde se descortinava. um aspecto sorprehendente da cidade, a irradiar na sua viva illuminação — e tomaram lugar a um canto, perto da balaustrada que se abria, em arcos floridos, para o jardim donde se evolava, no ar tranquillo da noite, um aroma forte de rosas...

Áquella hora já avançada, o terraço estava quasi deserto; apenas dois rapazes da imprensa confabulavam a um canto, bebericando, a goles lentos, sua cerveja... Com pouco, todos se achavam sentados, em torno á mesinha em que o criado collocara os gelados e, após um curto silencio, Lauro começou a sua narração:

— Vocês, querem, eu vou contar-lhes como e porque me casei. Aparte um ou outro pormenor sem importância, serei franco e sincero, como quem se expande numa roda de velhos camaradas. Devo dizer desde logo que, ao partir para a província, terminado o meu curso de medicina, eu não pensava absolutamente em casar. Viera de minha terra ingênuo e simples como uma criança, a alma forrada dessas deliciosas illusões românticas que constituem o fundo sentimental

dos rapazes entre os dezeseis e os vinte annos.

Um lustro da vida agitada e intensa das cidades grandes, onde as impressões fugitivas e variadas se succedem ininterruptamente, anesthesiou aquella espécie de sensibilidade lyrica que era até ahi a minha *facies* moral e, sem que o percebesse, tornara-me um desses rapazes a que na linguagem vulgar costumam denominar pândegos, denominação que encobre, muitas vezes, certos temperamentos melancólicos e sombrios que occultam, sob a mascara hypocrita e convencional da alegria mundana, a alma dolorosa e incomprehendida de um sceptico. Em sociedade, no circulo das etiquetas, eu sempre, desde que descobri que as attitudes foram feitas para vestir os sentimentos, como as palavras para dissimular as idéas, me esforcei por parecer um risonho despreoccupado a passear pela vida, cortejando essa mysteriosa Dama Branca da Felicidade. Achava interessantes cousas que intimamente me repugnavam e mostrava apparente horror áquillo que com maior ternura me falava ao coração. Fiz-me insensivelmente sceptico, pois, a crença é um habito que se perde pelo amor fetichista das phrases

e dizedelas de salão, nas quaes se deleita o mundanismo elegante. Desde ahi, o amor me pareceu simples explosão de desejo, sem sombra de espiritualidade e a mulher era, na minha concepção de epicurista, um simples instrumento do gozo, harpa de cordas vibráteis e nervosas em que se dedilham as canções anacreonticas do prazer... É verdade que mesmo durante esse tempo me vinham, ás vezes, uns acessos de sentimentalismo doentio a que eu chamava as minhas crises, caracterizados por um retorno invencível ás antigas idéas... Mas eu reagia contra essas invasões do “mal psychico”, da pieguice ridícula, dizendo-me que era irrisório estar um homem, educado á moderna, lido em Flaubert., Ibsen e Nietsche , a architectar devaneios românticos, como os que faziam o enlevo das jovens chloroticas adoradoras dos poetas de 1830. Assim vivi muito tempo e assim vi correr, com a celeridade com que se escoam os dias felizes, os cinco annos dos meus estudos e chegar o dia em que, a. pós uma ausência prolongada, revi a minha terra e os meus queridos...

Durante a viagem, a minha. attenção sempre distrahida pelos encantos infinitos da paisa-

gem e pela leve seducção dos *flirts* passageiros, não pude sequer imaginar o que se iria passar quando chegasse... E cheguei. O dia de minha chegada foi immensamente alegre, um desses dias de que se conserva nítida impressão durante todo o resto da vida. Em casa, não me deixavam um instante, para que eu relatasse, toda a minha existência durante esses longos annos de separação e saudade e tinha de ouvir também, com o vivo interesse que me despertavam, os mil episódios da vida caseira e familiar a que eu já me deshabitudara. Depois da casa, veio a vez dos vizinhos, dos amigos, da cidade inteira.

Conversamos no primeiro dia até altas horas da noite: vieram visitas, gente velha que eu deixara e revia com prazer e tam bem gente nova, desconhecida, que me era apresentada e logo se faziam intimidades como de antigos conhecimentos... E eram sempre phrases como esta:

— Gente! Como o Doutor veio mudado!

Está um mocetão! Si não dissessem quem era, nem o conhecia!...

Desde os primeiros dias a influencia daquelle doce ambiente domestico, novo para mim, já acostumado á vida errante das «republicas»

e pensões, agiu sobre o meu temperamento como um agradável sedativo e me senti vencido, dominado por uma aura de sentimentalismo e meiguice, no meio dos carinhos que, a todo instante, me eram proporcionados. Por outro lado, soffri, desde a chegada, o influxo poderoso do meio a actuar sobre a minha constituição nervosa e sensível: só quem conhece a vida monótona, mas encantadora, dessas nossas velhas cidades do interior, com as suas tradições de sociabilidade tão brasileira, seus bailes, suas novenas, suas intrigas, seus namoricos, suas politiquices, com tudo, emfim, que forma a moldura exterior da existência na província, está em condições de comprehender a reacção que se operou no meu espírito durante o período que se seguiu á minha chegada.

Tentar resistir, nesses casos, é inútil — nem eu o tentaria, consciente da poderosa força de adaptação com que o meio plasma, modifica, subordina á sua influencia, os indivíduos. E, inconscientemente, me encontrei dos meus, entre os meus... Falava, nas rodas intimas, em voltar, de velhas relações que me chamavam, dos grandes projectos que deixara esboçados no Rio e em S. Paulo, mas, commigo

mesmo, reconhecia-me enraizado ali naquelle remoto rincão onde nascera e a que me sentia ligado pelos mais suaves laços de affectividade... E ia vivendo nessa abstracção que succede ás grandes crises moraes, sem animo para encetar a vida, defrontando o futuro, a carreira a seguir, sem me encaminhar a uma decisão definitiva. Escoaram-se, entrementes, quatro meses de deliciosa despreocupação, um como prolongamento do curso, da vida alegre de estudante, compartidos entre o carinho da família, as visitas e as leituras ... Começava a sentir-me vagamente aborrecido, entediado, uma nostalgia a crescer-me n'alma pela vida antiga, livre, no ruidoso scenario das cidades attrahentes ... Foi nesse estado de espírito que eu conhecia minha prima Yáyá, a encantadora creattura que é hoje minha mulher. Conheci, digo mal, já eu a conhecia de criança que fôramos vizinhos, entretanto as nossas famílias as melhores relações de parentesco e amizade.

Mas os annos passaram-se sobre aquellas fugazes impressões da meninice, apagando-as como as ondas sobre a areia oscillante das praias.

Revia-a então, já moça, no radioso desabrochar dos seus dezeseis annos, e a presença

daquella menina bonita, viva, morena e dona de uns olhos fascinadores, me impressionou sobremodo. E sem perceber, eu me achei a namoral-a, todo embevecido nos seus olhares e nos seus sorrisos, que irradiavam um fluido de attracção a que eu não sabia resistir. E eis-me reduzido ao cultivo diário de um desses namoros provincianos, que eu qualificava de supinamente risíveis, com as paradas obrigatórias a esquina e sob os balcões de Julieta, nas clássicas noites de luar... Ella era de uma doçura ineffavel no trato e a sua meiguice espontânea, a sua simplicidade d'alma, que se trahia nos menores gestos e falas, foram a arma. adestrada e segura com que, na sua deliciosa inconsciência, em breve tempo, me trouxe preso aos seus encantos de virgem tímida...

Com muito pouco tempo se estabeleceu entre nós uma confiança recíproca, uma intimidade completa de velhos amigos que se entreamavam singela e apaixonadamente. Mais tarde, analysando esse período calmo e feliz de minha vida sentimental, custava-me comprehender como eu consegui gozar a intimidade daquella menina ingênua e encantadora, sem que as minhas idéas de mundano sem grandes escrúpulos me afastassem uma só vez da respeitosa estima que ella me inspirava.

O nosso amor era vehemente e impetuoso, mas, na apparencia, calmo, sóbrio e guardando sempre a linha nobre de um idyllio antigo, de uma ligação affectuosa e boa, que perfuma de ideal e de ternura toda a existência.

Os tios Lacerdas, postos a par do que occorria, mostraram-se benévolos e, a convite de Yáyá, eu comecei a frequentar-lhes a casa... Não me esquece a extranha commoção que nos tomava naquellas primeiras visitas. Era quasi sempre á noite. Yàyá se apromptava com esmero, desde a tardinha; toda a família apparecia e, para disfarçar o nosso constrangimento em presença dos demais, pedia-lhe que fosse tocar ao piano, ao que ella gostosamente accedia...

Às 8 e meia servia-se o chá com bolinhos e, cerca de nove, eu me retirava, radiante de prazer, cheio de uma felicidade que eu jamais imaginara tão simples e espontânea... Posto me não confessasse, eu me sentia inteiramente escravizado áquelle amor. Não me fartava do estar ao lado de Yáyá, de conversar com ella, fazel-a falar, na sua voz abemolada, acerca do nosso amor, dos nossos projectos futuros, dos nossos sonhos de ventura... Puro romantismo, do velho e piegas,

como eu diria nos meus tempos dantanho. Mas eu não o percebia, que agora me encontrava convertido á religião de Lamartine e Casimiro de Abreu, graças ao mysterioso influxo daquella menina que, com tamanha facilidade, me prendera na trama dos seus carinhos. As nossas palestras, os nossos longos colloquios, a um canto da janella ou no sofá da varanda, eram para mim horas inesquecíveis, de uma esquisita suavidade sentimental, e, entretanto, revestiam-se da maior singeleza e naturalidade, simples e familiares a ponto que dois irmãos não teriam linguagem mais casta para falar dos seus sentimentos.

Eu vivia como os mancebos que amam pela primeira vez: nem me era possível mais dissimular que Yáyá se tornara necessária á minha vida como um oxygenio vital e que aquelle amor completava o rhythmo de minha existência, que eu já não poderia comprehender doutra maneira.

Ah! os adoráveis momentos de silencio ou de conversação em surdina, só de nós ouvida, na sala deserta, áquella hora evocativa do escurecer! Quantas vezes ella me sorria e me fitava bem nos olhos, num mixto de ingenuidade e mysterio perturbador, como a

arrancar-me d'alma o segredo daquelle amor que floria numa primavera de illusões!..

E, nessas horas, eu, não sabendo como dizer-lhe o que sentia de ternura apaixonada, calava-me, fitando-a longamente, as mãos entrelaçadas, um grande beijo a esvoaçar em nossos lábios...

Eu, o grande descrente do amor e das mulheres, o paradoxal e irônico demolidor dos ideaes e das ridículas paixões á antiga, receava, estremecia, numa indecisão de criança, diante da expressão, a um tempo innocente e atrevida, daquelle sorriso e daquelle olhar de menina.

Foi então que, pela primeira vez eu vi, eu senti o vácuo immenso, desolador de minha vida, da vida que até ahi levava, sem crença e sem amor...

E me sentia o mesmo dos meus dezeseis annos, menino e moço, em cuja alma o amor se abria como uma flor mysteriosa e virgem, a trescalar os aromas dos sonhos adolescentes, a encher de alacridade e de tristeza essa púbere alvorada da carne, essa doçura do coração que se inicia nos grandes mysterios.. Um dia... foi este passo que decidio do nosso destino. Yáyá soube, por uma amiga, de uma

intriga amorosa, de umas velhas ligações que eu entretivera algum tempo, como uma distração de rapaz volúvel ...

Não sei o que mais lhe disseram, mas esse dia notei que ella, de costume risonha, se conservava triste é pensativa e uma hora, como eu lhe perguntasse, com insistência, a razão daquella mudança, inesperadamente, se pôs a chorar...

Via-se que Yáyá contivera aquelle pranto enquanto lhe fôra possível, mas diante do assedio que eu lhe fazia com as minhas perguntas, a sua dor sincera e irreprimível explodira naquelle caudal violento...

Attonito, não esperando absolutamente aquillo, fil-a sentar-se perto de mim no sofá e tomando-lhe as mãos, acariciando-lh'as ternamente, comecei a interrogar-a baixinho, num tom suave de acalanto:

— Que é que tens, Yáyá? Dize. Sabes como te quero o não posso te ver sofrer...

Ella, diante da ternura com que lhe eu falava, abrandou a crise de choro e soluçava apenas... Eu sentia-lhe os seios arfando, nas convulsões da dor, sob o vestido branco de bordado e para animal-a a confessar-me tudo, comecei a passar-lhe as mãos pela cabecinha e

pelas tranças negras e grossas que lhe cahiam até quasi á cintura... Yáyá conservava os olhos baixos, ainda humidos de lagrimas e eu sentia que aquella situação não poderia prolongar-se...

De repente, ella ergueu os olhos e eu vi, no seu olhar melancólico e profundo, toda a intensidade dramática da paixão que a tomava.

Em qualquer outra circumstancia e com outra mulher qualquer, aquella scena trivial de ciúmes me pareceria grotesca e piegas, mas ali, diante daquella creatura que me prendera pelas fibras mais reconditas do meu ser, eu não tive a intuição siquer do que fazia, do ridículo em que incorreria si alguém nos sorprehendesse aquella hora e insensivelmente me pus a seus pés, a jurar-lhe que só a ella eu amava, que não levasse em conta caprichos de meia hora já passados e sem consequências e que nenhuma outra seria capaz de fazer-me trahil-a...

Ella, num doce riso de satisfeita ternura, acenou-me que me levantasse e, estendendo-me os braços lindos, enlaçou-me amorosamente com um ímpeto que nunca eu lhe notara... Um grande beijo — o nosso primeiro beijo

— sellou naquele instante o pacto de amor que nos juramos.

Dahi a uns três mezes effectuava-se o nosso casamento. Ahi tem vocês a historia que tanto desejavam conhecer, a explicação da minha incoherencia de minha attitude anterior com a actual, o “romance mysterioso” a que vocês se referiam e que, como vêm, nada possui de mysterio, sendo, ao contrario, de uma clareza e simplicidade extremas...

— Bello na verdade! – exclamaram os da roda.

— Saulo do amor, você teve a visão da estrada de Damasco, que o converteu num crente... Nem todos têm essa felicidade.

— E é preciso notar que eu não tive a preocupação de fazer um romance... Ao envez disso, o que lhes narrei é tão singelo e natural como a própria vida.

— É — concluiu o Aires, muito dado a generalizações philosophicas, — que a verdadeira fonte de belleza é a naturalidade... Nós complicamos a vida, procurando resolver a equação da felicidade, quando ella está nas nossas próprias mãos ...

— Perfeitamente! exclamou o Décio e vamos para o Club que já se faz tarde...

Levantaram-se ruidosamente e sahiram para o patamar externo do hotel, donde partia a ampla escadaria em dois lances, toda atapetada e cheia de vasos de flores.

Aires adiantou-se para chamar o automóvel, em quanto os outros vestiam, á pressa, os sobretudos, e o Juventino trauteava uma valsa lenta e melancólica...

Uma rajada fria vinha de fóra e elles seguiram, silenciosos, sob a garoa fina, em busca do “Benz” que os esperava na esquina fronteira...

O véu de noiva

(LENDA SERRANA)

A Generoso Ponce
Filho

O VÉU DE NOIVA

Como todos os lugares decadentes, a Serra, com as suas “taperas” e velhos engenhos abandonados, é um maravilhoso foco de lendas, qual mais extraordinária, conservadas no reconto singelo dos seus rústicos moradores e, de paes a filhos, oralmente transmitidas. Ouvi, numa das vezes que por lá me pus em viagem, a historia do “véu de noiva”.

Pouco aquem do “Burity”, uma das mais antigas propriedades ruraes da zona serrana, hoje pertencente aos norte-americanos, antes domínio dos Siqueiras — que têm por tronco o Com. João José — despenha-se, de uma altura elevadíssima, o Coxipózinho, este. mesmo Coxipó-Mirim, tributário do Cuyabá e

tão ligado á Historia mattogrossense desde os dias da primitiva penetração bandeirante.

É a esse lugar ou, melhor, a essa queda do bello rio que deu o povo, na sua feliz imaginativa, o nome expressivo de “ Vêu-de-noiva “, pois, realmente, a água a despenhar-se, inflectindo-se entre o verde da matta e o avermelhado da serra, que ali faz um corte, semelha, do longe, alvíssima e transparente gaze rendilhada, longa e estirada ao sol, como candissimo véu da mais fina cambraia feito para ornato virginal em dia festivo de núpcias...

O sitio é o que se pode imaginar de pittoresco, de suggestivo, digno da tela de um pincel exímio ou feito para o êxtase commovido de um desses delicados poetas pantheistas que dão alma e sensificam a Natureza.

Das vezes que por ahi passei, uma siguer deixei de parar — fosse em rápido vehiculo ou em morosa alimária — para entreter a vista e deliciar o espírito no encanto luminoso e suave dessa paisagem, algo de phantastico, de magestoso e lyrico a um só tempo.

O amphitheatro gigantesco da serra cerca-nos e nos infunde essa grandiosa impressão que nos arrebatá, no tempo, ás eras immemoriaes

das grandes convulsões geológicas de que se formou a estrutura do globo actual.

O silencio de em torno, a paz elysea que paira sobre a natureza, a reverberação do sol no céu e na densa folhagem ao fundo do valle, tudo convida á meditação, ao sonho, ás concentrações immateriaes da poesia...

O homem sente-se então amesquinhado e, ao mesmo tempo, engrandecido : — abate-lhe o espírito a idéa da sua pequenez em face do espectáculo grandioso que presencia, mas ergue-se-lhe a imaginação ante o infinito dos ideaes com que essas bellezas lhe acenam, descortinando-lhe novos mundos e novas vidas supra-sensíveis, que só as almas eleitas gozam alem do ephemero e illusorio muro com que os sentidos nos separam do sonho, que sobrenaturalliza e emagia todas as sensações...

É nesse ambiente propicio que se criou a lenda do “véu de noiva” tal como me foi narrada, na sua singela e espontânea graça, por uma velha que, por sua vez, a ouvira de antigos moradores do “Burity” ha muito desaparecidos na voragem do tempo que tudo vai consumindo...

II

Josepha era uma grácil e mimosa menina, regulando ahi pelos seus dezeseis annos, quando esta historia começa.

Pobríssima, a sua gente dispunha, entretanto, da protecção dos abastados donos do sitio vizinho, principalmente da velha Senhora, cuja afilhada ella era.

Criada na intimidade da família, acarinhada por todos, era tida e havida como da casa-grande, a ponto de ser tratada pelas meninas — Imá — e pela velha — Filhinha, pois de irmã e de mãe era, por certo, o affecto que lhe davam, e bem o merecia a Zépha, que, longe de envaidecer-se com tal preferênciã, era boa para os da sua igualha, como para os ricos em cujo trato vivia. Queriam-lhe os paes com extremos de viva affeição. Uma secreta magua, porém, os mortificava no seu amor: a menina era muito doente, nervosa, dada a faniquitos e de uma sensibilidade verdadeiramente fora do commum. Chorava por dá cá aquella palha e não havia consolal-a quando lhe vinham, de repente, sem

causa apparente, aquellas fundas e immensas tristezas.

Fôra sempre assim desde pequenina, attribuindo a mãe esse seu todo nervoso ao susto que apanhara, quando ella estava para nascer, devido a um ataque dos índios que, alta noite, passaram pelo sitio, matando dois camaradas. Fosse essa, ou outra a causa, o certo é que Josepha veio ao mundo fraquinha, parecendo até que não vingaria.

Vingou, porém, mas sabe Deus a custa de que cuidados e desvelos! Mammou no algodão; baptizou-se ás carreiras; teve todos os períodos de crescimento retardados. Aos sete annos era um “espirro de gente”, sempre a tossir, sempre com mil *macacôas*. Por volta, porém, dos doze, sarara. Entrou a espigar, cresceu, desenvolveu-se mesmo a ponto de surprehender a todos os que a conheceram rachitica e enfesadinha.

Peralta como ella só... Não parecia uma moça, pois em vindo á sua casa uma criança, fazia-se criança para brincar com ella. O seu gosto maior era tomar banho no rio e para isso pouco se lhe dava de andar, descalça, o avental fazendo de chapéu, umas duas léguas, com sol ardente ou cerração.

Cedo, mal clareava, já a verieis pelo campo orvalhado, procurando fructas ou passarinhos, tal qual um rapazelho, o que fazia dizer a seus irmãos: — Esta sahiu mulher por erro. Nunca vi saia tão mal empregada!

O seu intimo, porém, a sua hyper-sensibilidade era bem feminina.

Chamavam-lhe as amigas — não me toques — pela, extrema facilidade com que se maguava, tal como a contractil florzinha em que o sertanejo symboliza a timidez das almas sensíveis e pudicas.

Certa feita, voltava de uma de suas muitas excursões, trazendo no avental uma porção de velludos e tinge-linguas e orvalhos, os cabellos a cahirem-lhe em duas tranças fartas sobre as espáduas morenas, toda ella a trescalar o aroma saudável dos campos que atravessara, um brilho de primavera nos olhos grandes e castanhos e uma frescura de aurora nas faces mimosas.

Encontrou-a o Tónico, filho da madrinha, rapaz alegre e meio estúrdio, que em vendo surgir-lhe á frente tão radiosa apparição não se conteve e saudou-a, em vibrante compellativa:

— Oh salve, nympha das serras, nayade das águas cantantes do Coxipó!...

O rapaz era lido e aprendera, no Seminário, um pouco do Vergílio. Á Zepha é que não quadrara, na sua simplicidade, aquella invocação muito poética em que antes lobrigou chiste ou motejo.

— Tónico, já lhe disse que não gosto de certas Graças commigo...

— Mas sí você é mesmo uma das graças — insistiu o moço, teimoso na mythologia e no galanteio. E adiantando-se, ameaçou, por pírreaceal-a, furtar-lhe algumas das fructas que trazia ...

Ella, porém, déra de andar, como fugindo á perseguição de Tónico.

— Zépha! Escuta!

Não via nem ouvia a menina. Num choro desabalado, em que se lhe sacudiam os nervo em trismos, ganhara o terreiro de casa.

— É uma louquinha, não ha que ver! — concluiu, penalizado, o moço.

E era sempre assim. Para chorar ou rir não tinha medidas. E ninguém, ao cabo, sabia nunca como e porque ella passava da maior alegria á mais profunda tristeza...

III

Você hoje não vai apanhar água, Zépha?
— perguntou nhá Tuda, que, á porta do rancho, e de cócoras, distribuía quirera aos pintos.

Era uma fresca e rociada manhã de maio. Começos deliciosos de inverno... As nuvens, branquíssimas se desfaziam pelas cristas da serra, como flocos de paina que se prendessem aos denteados cimos dos morros...

— Qual, mamãe! Não me *palpita* ir agora ao rio. Antes eu quero ir á roça levar o *quebra-torto* para o pae.

— Não, André vem para buscar... Você vai mesmo ver água, que não tenho nem para pôr feijão no fogo.

Sem retrucar, humilde e cabisbaixa, como era seu costume, a menina pegou o pote de cima do poial e sabiu. A água ficava longe e mais ainda com as voltas que ella dava pelo caminho, entretendo-se com qualquer cousa que por ventura lhe surgisse pela frente. Nesse dia, porem, sahiu decidida a não demorar, visto a mãe lh’o haver recommendado. Com pouco tinha ganho o *campestre* que cercava a sua casinha e entrou por um *sujo* que,

atalhando, ia dar á margem do Coxipó, pouco acima da “queda”. Era ali o lugar dilecto dos seus passeios, dos seus banhos, das suas traquinadas.

O rio fazia uma espécie de bacia natural, entre lages lisas e vermelhas, todo rodeado de basta vegetação. Ouvia-se o rumor da cachoeira, logo abaixo, e Zépha gostava de aproximar-se, cautelosa, da beira do precipício e olhar, embaixo, o torvelinho da água espumejante, tão alto, tão fundo, que se não via mais o curso do rio, perdido lá na baixada, occulto entre a mattaria espessa e escura que o envolvia... E ella punha-se a acompanhar com o pensamento aquella correnteza que fugia e se precipitava, fragorosa, por aquellas furnas, e lá se ia cascadeando para bem longe, para outros lugares distantes.

Diziam que aquellas águas iam para o Cuyabá, iam passar pela cidade, pertinho, cousa de nada...

E ella se punha a invejar aquellas águas corredeiras e aventureosas, que passavam por tantas terras e viam tanta causa bonita. Nunca fôra á cidade, apesar de sua madrinha estar sempre a prometter que a levaria um dia....

Mas quando chegaria esse dia? Ha pouco ainda a Tidó de lá viera casada, num rico *bangué*, carregada pelos escravos, toda linda — e a Tidó era tão feia! — no seu vestido de gorgorão branco, bordado de flores de laranjeira, a grinalda, o véu de rendas alvas á cabeça, sapatinhos de setim, uma belleza, um luxo de assombrar! O marido era rico, o casamento fora do gosto das duas famílias e tinham caprichado na festa. Houve grande brodio na casa-grande.

O “engenho” parou uma semana e foi festa até dizer chega. Zépha evocava aquillo sem inveja, mas com uma esquisita sensação que lhe dava ímpetos de chorar.

Também o seu dia chegaria, em que tivesse de envolver-se num véu lindo e alvo como aquelle, um véu de noiva que ella imaginava mais bello, mais rico, mais custoso, — porque ella era mais bonita que a Tidó, mais moça, muito mais bonita e mais moça. Pois si ella estava com dezeseis — dezeseis feitos pelo Natal passado — e a outra... oh! a Tidó, diziam as más línguas que já passava os quarenta quando o seu Lôterio a conheceu e gostou della.

Della mesma? Do dinheiro della, parece. Zépha sorriu. — Aquella, coitada, *deve ao Diogo...*

Bem feia que ella é. Mas o ouro escurece tudo.

Seu Lôterio é até um rapaz *desimpedido*, bonito, digno de melhor sorte, pensou.

Tinha chegado á encruzilhada formada pelos dois trilhos — um que descia para o ponto de banho e outro, mais para a direita, que pendia para a beira da serra, para o lugar da queda. Hesitou alguns minutos... Não pode furtar-se, porém, á tentação que lhe veio de ir ver o salto. Era cedo ainda...

Deixou o pote ali e desceu até o lugar donde se via a cachoeira... Era um panorama grandioso e impressionante... A menina esteve alguns momentos a olhar. Sentou-se junto a um barbatimão, forrando o chão com umas folhas largas de taioba. O sol já ia no meio do quadrante. Um bando de araraúnas passou gritando sobre o abysmo... E Zépha só então attentou com cuidado, com vagar, para a queda, que tantas vezes olhara despreocupada, e pareceu-lhe ver nos flocos alvíssimos que o sol dourava de uma finíssima poalha de ouro, um grande, um immenso, um magestoso véu de noiva, muito mais bello e rico, muito mais luxuoso e caro

que o da Tidó, que tanta admiração lhe causara.

Recuou, espantada daquillo que nunca lhe ocorrera, e foi, passo a passo, voltando-se a cada momento, que ella buscou de novo o trilho, quasi perdido entre as moitas altas de capim de macega, que levava ao porto de banho...

IV

Dahi por diante, Zépha começou a ficar mais triste e macambusia que de costume. Todos os dias, quando ia á apanha da água, demorava muito a voltar... Desconfiada de alguma trêta — estas moças, em chegando a certa idade, é preciso cuidado com ellas! — nhá Tuda um dia acompanhou-a, pé ante pe, sem que ella o suspeitasse. Já no desvio, Zépha entreparou, olhou de um e de outro lado, largou o pote e cortou, quasi correndo, para o lado donde se via o salto. Á distancia, nhá Tuda seguia-lhe as pisadas e foi dar com ella, de pé, junto á beira do precipício, immovel, como extatica, encarando fixo numa direcção.

Esteve para chamal-a, mas sobreparou. Não fosso ella assustar-se e cahir no abysmo...

Esperou. Dahi a meia hora mais ou menos, a menina veio vindo, a passinho, uma doce expressão de felicidade espriada pelo rosto, como si algo de muito bello lhe houvesse aparecido.

Dando de sopetão com a mãe, empallideceu e gaguejou, timidamente, umas desculpas. — Tinha ido ver um veadinho que correu para aquelle lado e que ella queria pegar para o Zé, filho da comadre Nenem ...

A velha, porém, não acreditou naquillo. Voltou banzando no caso e jurando tirar a limpo esse negocio. O melhor seria não a deixar mais ir ao rio.

— Mas quem apanharia água para a casa? Os irmãos iam com o pae, cedo, para a roça. Tinha a Cóta, mas essa, coitada! atacada pelo rheumatismo, mal podia andar dentro de casa. O remédio era ir Zépha mesmo. Mas — que diabo! não havia necessidade de sahir da estrada para ir até o salto. Dar-lhe-ia conselhos, fazendo ver o perigo de andar por aquelle sitio... que até diziam ser mal-assombrado.

— Dêstá! que a vou prohibir de ir lá. Si ella tutuviar, dou parte ao pae. Queira que não ande algum namoro por ahi...

Nada de namoro havia. Zépha andava era encantada pelo “véu de noiva”. Desde aquelle dia, parecia-lhe impossível passar sem vêl-o. E ficava. horas a contemplal-o. Aquelle sim, era o véu que ella sonhava, que ella queria trazer sobre o seu corpo no dia de sua suprema felicidade. Como aquelle, que princeza encantada, que Branca de neve, que Magalona teria tido jamais? E era della, della só, aquelle véu maravilhoso.

Sonhava com elle, via os anjos tecendo no céu, sob os olhares de Deus e a direcção de Nossa Senhora, aquella gaze, de finíssimas névoas, com filigranas de ouro, para o seu phantastico e riquíssimo noivado... Um dia, estava nessa muda contemplação, quando viu, bem no meio da serra, um menino louro, lindo como o menino Jesus do oratório de sua madrinha, a sorrir-lhe meigamente e a acenar-lhe com a mãozinha rósea, como a chamal-a.

Zépha era louca pelas crianças... Esteve a pique de correr para onde o pequeno, mas, passado um segundo, elle tinha desaparecido. Fôra, então, uma visão apenas, dessas que, nos vêm, como um sonho? para onde fôra elle? Por que nada lhe falara? Voltaria, talvez,

outro dia... Ao chegar a casa, ruminando essas perguntas, contou á mãe, com toda a naturalidade, o que lhe succedera.

— Qual menino, qual nada, historias! Você está em termos de ficar gira, isso é que é. Deixa de busão e não vá mais daquelle lado...

Zépha nada objectou. Ficara, todavia, immersa em longa scisma, em profunda e grande melancolia.

V

Noutro dia, nem bem clareou, já lá andava a coitada rumo da cachoeira. Quando a mãe gritou por ella, já não estava em ponto donde ouvisse.

— Duvidá que já foi p’ro salto... Ó André, de passagem para a roça, grita sua irman que venha! Temos mutirum á noite e é preciso varrer o terreiro.

— Sim, nhá mãe, disse o pequeno, pondo o chapelão na cabeça e a enxada ao ombro, emquanto sahia, assobiando, pelos fundos da casa.

Zépha ganhou o chavarrascal e chegou ao salto quasi correndo. Não viesse alguém atrás

della impedir-lhe a vista do “menino louro”... Com pouco, elle lhe appareceu, mais perto agora, junto mesmo á boca da furna immensa por onde as águas se precipitavam para a baixada. E viu perto delle uns cachorrinhos pelludos, de uma raça que nunca avistara, muito branquinhos, que nem porquinhos da China...

O menino não lhe fez, como na véspera, o aceno de mão. Sorria, porém — e que sorriso angélico! e mostrava-lhe o salto, o véu-de-noiva que era a paixão de sua vida solitária. — Que queria dizer com isso? Que o véu era della, bem o sabia. Não era, porém, ainda o seu dia. Quando viesse o dia, ella se envolveria toda nesse véu muito lindo, muito rico, muito branco, para o seu casamento phantastico... Nunca lhe occorrera a mínima curiosidade de saber qual seria esse dia, nem o noivo que lhe estava reservado. Quando falavam em casamento perto della, sempre sua mãe dizia:

— Zépha? Essa não cuida disso, é tão bobinha ainda...

Quem sabe si ainda viria a casar com aquelle “menino louro”? Bem poderia ser elle o seu noivo. E que noivo! Digno de possuil-a, envolta no véu magnífico daquella água

mysteriosa que a attrahia irresistivelmente... Oh! si elle a chamasse, não resistiria. Por que, pois, elle não lhe acenara mais? E sumira tão depressa, muito mais que da primeira vez?... Zépha ficou ali, muito tempo, a olhar o lugar onde elle estivera. Depois veio devagar até o porto, onde lhe accordou o desejo de banhar-se, vendo a água tão clara e fria, tentadora e límpida, no seio das pedras lisas e cobertas de limo e de verdura... Relanceando o olhar pelas margens silenciosas, lançara-se á água, num gritinho entremesclado de susto e prazer. Oh! a deliciosa água, frígida que cortava as carnes, leve e crystalina, alliciente e doce, acariciadora e irritante a um só tempo, embalando-a na melopéa eterna dos seus rhythmos, envolvendo-a, penetrando-lhe os poros, inebriando-a de uma sensação nunca sentida nem imaginada! Assim deveria ser o amor. Assim deveria ser o querer bem alguém — algo de muito absorvente, de perturbador, que nos arrasta, nos leva, mau grado a nos mesmos, que nos despersonaliza, tirando-nos a vontade para nos impor o seu poder...

E Zépha sem querer, pensou no “menino louro”, no seu noivo que a esperava no

fundo do valle, lá embaixo, entre o verdor da matta, como num leito de cortinas immensas, feitas pelos cambarás cor de ouro, pelos aricás cor de rosa, pelos capotões cor de leite, e em que os cipós gigantescos eram como enormes fitas entrelaçadas e as parasitas abriam os seus florões rubros, multiespelhados nas tremulinas da corrente — e sentiu-se torpida, um calafrio extranho a correr-lhe pelo sangue.

O coração — que nunca até ali ella sentira — bateu-lhe, precipite, dentro do peito. Um delírio de vertigem entrou a empannar-lhe a vista. Via-se no dia das suas bôdas. O noivo, lindo e alegre, era aquelle “menino louro” já agora crescido, um esbelto rapaz, que lhe offerencia o braço para levá-la ao altar. Viu o padre Vigário, de sobrepeliz e estola, que vinha para o seu lado. Seus paes, sua madrinha, suas irmans de criação — todos a acompanhavam. Ella sorria e chorava de felicidade.

E a água ia, de leve, em leve arrastão, propellindo-a para além, para a beira da serra, onde em vertiginoso descambar o rio se atirava para o fundo do valle. Às vezes, um ramo solto na correnteza a cingia: eram abraços de amigas que a felicitavam. Logo adiante,

num rebojo, o rio corria entre pedras, numa garganta hispida: era sua mãe que a apertava ao seio, chorosa por ter ele perdel-a. Logo após, uma desfolhada de flores sobre a sua cabeça: eram as flores da sua grinalda que, sorrindo, o noivo ia desfazendo... Uma espécie de lethargo, de dormência, de fria, de álgida entorpescencia a tomava, pouco a pouco...

Perto, muito perto, ouvia-se rugitar a água nas furnas da serra: oh! que orchestra maviosa a do seu noivado, mais bella do que a que viera da cidade, ha seis annos, tratada para a *folia* do seu Antunes! Uma vez ainda Josepha pensou em sua mãe: pareceu-lhe ouvir sua voz que, agoniada, gritava pelo seu nome. Era a sua única magua, deixar sua mãe, tão boa que sempre fôra para ella! Mas por que seria ella egoísta no seu amor de mãe, a ponto de querer impedir a sua felicidade? Não ouvia mais... Viu somente uma espécie de porta enorme, talhada a pique entre os muralhões areniticos da serra: era o adyto, a entrada da câmara nupcial onde o “menino louro” a esperava...

Não iria, porém, apparecer-lhe assim... Oh! não! e nesse momento, ouviu como que um estrondear formidável, sentiu um baque

A CAVALHADA

surdo e violento e, numa irisada gaze de sol, entre a cambraia finíssima da água espadanante, Zépha desapareceu para sempre, envolta, como sempre desejara, no seu phantastico e lindo véu de noiva, tão lindo, tão rico, tão alvo, como jamais a alguém no mundo fôra dado possuir...

Nota de pesquisa:

“A *Cavahada (Contos)*”, consta como *verbete*, nos seguintes livros de referência:

- O conto brasileiro e sua crítica: bibliografia (1841-1974); Celuta Moreira Gomes, Biblioteca Nacional, 1977, item 1898, pág. 328;
- Enciclopédia de Literatura Brasileira; Afrânio Coutinho, J. Galante de Souza. São Paulo: Editora Global; Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional/DNL: Academia Brasileira de Letras - 2ª edição, 2001;
- Anais da Biblioteca Nacional; Biblioteca Nacional (Brazil), Imprensa Nacional, Vol. 87, item 1463, pág. 41.